

Filozofski fakultet Sveučilišta u Zagrebu

Odsjek za portugalski jezik i književnost

Zagreb, 15. srpnja 2014.

Aspektualne perifrastične konjugacije u portugalskom jeziku

DIPLOMSKI RAD

Mentorica:

Dr. sc. Nina Lanović

Studentica:

Ivana Butigan

Faculdade de Letras Universidade de Zagreb
Departamento da Língua e Literatura Portuguesa

Zagreb, 15 de julho 2014

Valor Aspectual nas Perífrases Verbais no Português Europeu

TESE DE LICENCIATURA

Orientadora:
Dr. sc. Nina Lanović

Estudante:
Ivana Butigan

Índice

1. Introdução.....	3
2. Tempo e Aspecto.....	4
2.1. Tempo	4
2.2. Aspecto.....	5
2.3. Valores aspectuais.....	9
2.4. Tipologia Aspectual.....	16
3. Perífrases Verbais e Formas Nominais do Verbo.....	20
3.1. Perífrases Aspectuais	24
4. Análise	30
4.1. Estar + para + infinitivo	31
4.2. Estar + a + infinitivo	32
4.3. Andar + a + infinitivo	35
4.4. Ficar + a + infinitivo.....	37
4.5. Começar + a + infinitivo	38
4.6. Pôr-se + a + infinitivo	41
4.7. Passar + a + infinitivo	42
4.8. Continuar + a + infinitivo	44
4.9. Chegar + a + infinitivo.....	46
4.10. Desatar + a + infinitivo	47
4.11. Voltar + a + infinitivo	47
4.12. Ir + a + infinitivo	49
4.13. Vir + a + infinitivo	50
4.14. Ir + gerúndio	51
4.15. Vir + gerúndio	55
4.16. Parar + de + infinitivo	55
4.17. Deixar + de + infinitivo	56
4.18. Acabar + de + infinitivo	58
5. Conclusão.....	61
Bibliografia	62

1. Introdução

Este trabalho tem como objectivo fazer um estudo das conjugações perifrásticas aspectuais, baseando-se em autores portugueses e internacionais. O problema com esse tema é que na literatura existe um caos terminológico, tal como a falta de um modelo único para determinar a estrutura e a função das conjugações perifrásticas. Neste trabalho analisar-se-á a terminologia, comparar-se-ão vários trabalhos e a maneira como eles definem e tratam conjugações perifrásticas.

Começar-se-á com a definição do aspecto. Em seguida, vai se fazer a distinção entre as categorias do aspecto e do tempo. É importante fazer isso porque em algumas definições das conjugações perifrásticas a diferença entre conjugações perifrásticas aspectuais e outras construções semelhantes, como por exemplo as dos tempos compostos, não é feita.

Depois de determinar a categoria do aspecto, analisar-se-ão definições das conjugações perifrásticas em várias fontes. Nessa parte do trabalho surgiram muitos problemas interessantes.

Tratar-se-á do processo de dessemantização e gramaticalização dos verbos auxiliares, dos graus de realização desses fenómenos e como os verbos auxiliares e semiauxiliares se combinam com os verbos principais. Examinar-se-á o significado do verbo auxiliar ou semiauxiliar, do verbo principal e o significado final da forma perifrástica.

Depois, passar-se-á à análise dos dados seleccionados.

Utilizar-se-á o corpus que se compõe de todas as ocorrências encontradas no livro *Sei Lá*, da autora Margarida Rebelo Pinto. As perífrases que ocorrerão são: *estar + para + infinitivo*, *estar + a + infinitivo*, *andar + a + infinitivo*, *começar + a + infinitivo*, *ficar + a + infinitivo*, *passar + a + infinitivo*, *pôr-se + a + infinitivo*, *continuar + a + infinitivo*, *chegar + a + infinitivo*, *desatar + a + infinitivo*, *ir + a + infinitivo*, *vir + a + infinitivo*, *ir + gerúndio*, *vir + gerúndio*, *parar + de + infinitivo*, *deixar + de + infinitivo*, *acabar + de + infinitivo*.

2. Tempo e Aspecto

Antes de começar com o tratamento da questão das conjugações perifrásticas, é importante definir os termos que se vão usar para se evitar o caos terminológico. O primeiro desses termos é o de tempo e de aspecto. Também se vai fazer a distinção entre as categorias do aspecto e do tempo, porque este trabalho vai se concentrar na categoria do aspecto, ou seja, tempo interno da uma situação em vez de tempo gramatical.

2.1. Tempo

Segundo Oliveira et al. (2001) distinguem-se três sentidos em que tempo pode ser entendido: o tempo físico, o tempo linguístico e o tempo verbal. O primeiro é tema das ciências como a Física, segundo é uma categoria linguística, o tempo tal como é conceptualizado pelas línguas naturais. O último é tempo entendido como localização temporal que abrange o tempo externo que situa um estado ou evento no eixo temporal, tal como o tempo interno, ou seja, aspecto (Oliveira, Barbosa et al. 2001:74).

Na maioria das gramáticas não se faz a distinção entre tempo e tempos verbais. Este termo abrange a noção da densidade, divisão em intervalos ou momentos e das propriedades como transitividade, irreflexibilidade ou assimetria. Um intervalo pode ser fechado, aberto, com início marcado e final desconhecido, ou vice-versa. Em frases complexas há situações que estabelecem entre si relações de precedência, de inclusão, de disjunção e de sobreposição. Existem três intervalos – o do passado, do futuro e do presente. Por causa da insuficiência desses três tempos para cobrir todas as situações que acontecem, existe a necessidade de usar formas adicionais. Isto resulta em desequilíbrio numérico entre o tempo natural e o tempo verbal (Oliveira, Barbosa et al. 2001:69-70). Quando se fala do tempo verbal, o português tem formas verbais adequadas para distinguir três situações temporais. Cada informação adicional sobre a maneira como essa acção é realizada considera-se como o aspecto. Ambos os termos representam tempo, mas o tempo verbal localiza um evento ou estado no

tempo, enquanto o aspecto verbal descreve a estrutura temporal interna, o fluxo do processo (Cunha, Cintra, 2005:380).

A informação temporal não é só transmitida morfologicamente pelos verbos e advérbios, mas é também composicional e abrange perífrases, locuções e conjunções (Oliveira, Barbosa et al. 2001:69-70).

2.2. Aspecto

Se o tempo é concebido como uma ordem linear de unidades temporais atómicas – instantes, ou densas – intervalos, que se podem suceder ou sobrepor, o aspecto permite olhar para a sua estrutura interna. *„O tempo linguístico é uma categoria relacional, quer seja dêitico quer seja anafórico, enquanto o aspecto se centra na perspetivação interna, sem necessitar de se relacionar com outros elementos.“* (Mateus, Brito, Duarte, Faria, 2003:129-130).

Diferente das categorias do tempo, do modo e da voz, o aspecto designa *„uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a acção expressa pelo verbo“*. É a clara distinção entre as formas verbais perfeitas ou mais-que-perfeitas e as imperfeitas (Cunha, Cintra, 2005:380).

Costa (1976) define o aspecto como duração objectiva do processo; o lapso variável do tempo que é preciso para uma acção ser realizada, seja na sua totalidade ou numa das suas fases. Também nota que esta duração do processo não tem nada a ver com a categoria do tempo (Costa, 1976:197).

Nova Gramática de Português (Oliveira et al. 1997) define o aspecto como uma *„categoria gramatical com que se exprime o início, o desenrolar ou o acabar de uma acção. Os verbos podem aludir a um processo em realização – aspecto imperfectivo – ou a um processo já terminado – aspecto perfectivo“* (Nunes, Oliveira, Sardinha, 1997:117). Segundo a *Grámatica da Língua Portuguesa* (Mateus et al. 2003) o aspecto *„fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua*

predicação. Estabelecida a sua definição geral deste modo, parece que as duas categorias não podem distinguir-se fundamentalmente“ (Mateus, Brito, Duarte, Faria, 2003:129-130).

Segundo Leiria (1991, apud Santos Ferreira, 2012:149) quando se fala do aspecto, a terminologia é abundante, caótica e nem sempre adequada a uma determinada língua. A categoria de aspecto, vista como categoria universal do verbo, é uma problemática recente, relativamente mal definida e sujeita a uma constante polémica (Perestrelo, 2000, apud Santos Ferreira, 2012:149). Há certos conceitos que precisam de ser clarificados. Conforme Sousa (2007b, apud Santos Ferreira, 2012:149) o exemplo desta confusão é representado pela frequente não distinção entre tempo e referência temporal, tal como entre aspecto lexical ou Aktionsart (modo de acção que se refere ao papel desempenhado pelo verbo e seus argumentos) e aspecto gramatical ou composicional, que tem a ver com o efeito de certos elementos, como verbos de “operação” aspectual (tempos verbais, adverbiais temporais, etc.) que “modificam” ou “alteram” o “perfil” básico de uma predicação, conferindo-lhe propriedades aspectuais diferentes (Oliveira, 1995:77). A distinção básica entre perfeitividade e imperfeitividade continua a ser considerada essencial quando se refere ao aspecto (Santos Ferreira, 2012:150).

Quanto à definição do conceito de aspecto, Oliveira (2003c, apud Santos Ferreira, 2012:150) apresenta a seguinte: *„O aspecto, por seu turno, fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua predicação“*. Esta definição de aspecto não é suficientemente clara a ponto de permitir que se distinga da definição de tempo, como a própria autora reconhece (Santos Ferreira, 2012:150). Oliveira et al. (2001) propõe a reformulação de definição do aspecto porque ele se reveste lexicalmente e composicionalmente. Lexicalmente porque o verbo já tem toda a informação relevante em si, e composicionalmente pelos complementos, verbos de operação aspectual e adverbiais (Oliveira, Barbosa et al. 2001:72).

Tradicionalmente, distingue-se aspecto de Aktionsart (ou modo de acção). O primeiro é fundamentalmente gramatical, realizado em línguas como a língua portuguesa através de morfemas flexionais, e o segundo é de natureza lexical. A

distinção entre aspecto gramatical e aspecto lexical foi introduzida pelos Neogramáticos no século XIX para dar conta da diferença entre um tipo de situação e certos efeitos produzidos por afixos (em particular prefixos) nas línguas eslavas. Certas informações como as de conclusão, terminação, continuação, por exemplo, são obtidas através de afixos ou de outros morfemas distintos dos morfemas que veiculam o tempo. Tal distinção não é completamente adequada, pois pode veicular-se informação aspectual muito semelhante recorrendo a diferentes processos linguísticos. Em português, para além da natureza semântica dos predicados, as informações aspectuais distribuem-se pelos afixos que contêm também informação temporal, pelas construções com verbos auxiliares e semi-auxiliares (Mateus, Brito, Duarte, Faria, 2003:133).

O aspecto composicional realiza-se através de elementos linguísticos que se aplicam a situações básicas, *“alterando” ou “modificando” a sua estrutura temporal interna; desse modo procedem à sua “conversão” em situações de tipo derivado. Os tempos verbais, os adverbiais temporais e os “verbos de operação aspectual” parecem cumprir esta função* (Oliveira, 1995:79).

Tempos verbais como o Presente do Indicativo ou o Pretérito Imperfeito conferem aos eventos uma leitura tipicamente habitual ou frequentativa, como é visível nas frases (1)-(4).

- (1) O João fuma (habitualmente).
- (2) A Maria lê o jornal (todos os dias).
- (3) O Rui viajava para o Canadá (todos os anos).
- (4) O Pedro faltava às aulas (frequentemente).

(Oliveira, 1995:79)

As expressões adverbiais temporais também podem alterar o “perfil” básico de uma situação. Se uma frase como (5) representa um processo culminado, já (6) se aproxima mais de um processo, na medida em que a informação relativa ao ponto terminativo se torna, neste caso, praticamente irrelevante.

- (5) O João leu o livro em meia hora.
- (6) O João leu o livro durante meia hora.

Mais um exemplo paralelo no contraste entre (7) e (8) em seguida:

(7) A Maria limpou a casa numa hora.

(8) A Maria limpou a casa durante meia hora.

Certos verbos de “operação” aspectual podem proceder a uma redefinição da estrutura temporal interna característica de uma situação. Assim, se (9) representa um processo culminado, (10) ou (11) ostentam o comportamento linguístico típico de culminações, enquanto (12) comporta as características definitórias dos processos e (13) poderá mesmo aproximar-se de uma leitura estativa.

(9) O João leu o livro.

(10) O João começou a ler o livro (às cinco da tarde).

(11) O João acabou de ler o livro (às cinco da tarde).

(12) O João continuou a ler o livro (durante meia hora).

(13) O João esteve a ler o livro (durante meia hora).

Em todos os casos acima indicados existem “operações” aspectuais, que se traduzem na “mudança” categorial das situações (Oliveira, 1995:79-80).

Conforme Ançã (1990, apud Santos Ferreira, 2012) *“Em termos gerais, pode afirmar-se que as categorias gramaticais possuem uma componente lexical e que não existe termo lexical que não veicule propriedades gramaticais”*. Acresce que nem sempre é clara a classificação de processos linguísticos lexicais e gramaticais. Assim, o aspecto lexical e aspecto gramatical ambos serão igualmente considerados sob a designação geral de aspecto. Quanto às formas linguísticas que podem veicular informação aspectual, destacam-se as seguintes:

- a natureza semântica das situações predicadas, para a qual contribui o valor aspetual inerente aos verbos principais
- a natureza semântica dos sintagmas nominais (sujeito e complementos);
- verbos auxiliares e semiauxiliares aspetuais;
- expressões adverbiais;
- tempos verbais (Santos Ferreira, 2012: 152 - 153).

Embora o tempo verbal e o aspecto não são da mesma natureza, existe uma interdependência entre eles. A combinação deles pode resultar na leitura final diferente da frase.

(14) O João está doente.

(15) O João almoça em casa.

O tempo verbal presente do indicativo com um predicado com valor aspetual estativo, na frase como (14) resulta numa leitura de presente cursivo. Por outro lado, a combinação do mesmo tempo verbal (presente do indicativo) com um predicado com valor aspetual dinâmico (15) induz uma leitura de habitualidade (Santos Ferreira, 2012:155).

2.3. Valores aspectuais

Monteiro e Pessoa (2002) definem o aspecto como a categoria gramatical que indica o ponto de vista do locutor em relação à acção expressa pelo verbo. Este ponto de vista pode ser perfectivo ou imperfectivo. Conforme Monteiro e Pessoa (2002) aspecto perfectivo é representado pelo pretérito perfeito simples e todas as formas compostas¹:

(16) Já vi este filme.

(17) Já tinha visto este filme.

Enquanto aspecto imperfectivo é representado pelas seguintes frases:

(18) Agora leio este livro, depois lerei o teu.

(19) Dantes lia muito mais do que agora.

Além desta distinção Monteiro e Pessoa (2002) mencionam outros valores aspectuais:

¹ Autores não são bastante precisos. A expressão „formas compostas“ pode também incluir as perífrases de vários tempos e aspectos, não só perfectivos.

- Pontual - se o verbo exprime um processo breve (20)
- Durativo - se a acção se alonga no tempo (21)
- Incoativo - se a acção é considerada no seu ponto inicial (22)
- Conclusivo - se se dá por fim da a acção (23)

(20) Acabo de comprar este livro.

(21) Ando a fazer compras.

(22) Anoitece e o céu salpica-se de estrelas.

(23) Deixei de ler aquele livro.

Acrescentam que o aspecto pode ser expresso de diversas formas:

- Por um sufixo: folhear (frequentativo), amanhecer (valor incoativo)
- Pela repetição da forma verbal: Nadava, nadava sem descanso! (valor durativo)
- Pela conjugação perifrástica: Acabei de chegar. (valor pontual)

(Monteiro, Pessoa, 2002:11)

Conforme *Nova Gramática de Português* (Nunes et al, 1997) o aspecto pode apresentar modalidades seguintes:

- Pontual ou momentâneo – o verbo indica um processo que dura apenas um instante
- Durativo – o verbo exprime uma acção que perdura
- Frequentativo ou iterativo – o verbo exprime uma acção que se repete
- Incoativo – o processo é apresentado no seu principiar
- Cessativo ou conclusivo – a acção apresenta-se na sua fase final (Nunes, Oliveira, Sardinha, 1997:117-118).

Costa (1976) distingue duas classes de lexemas quais têm própria valor aspectual:

a) lexemas momentâneos que indicam um processo processo que dura apenas um instante, que não é durativo

b) lexemas durativos que denotam um processo na sua duração, sem qualquer idéia do início ou do fim (Costa, 1976:198).

Quanto as diversas modalidades aspectuais, Costa (1976) distingue 6 valores:

1) Ingressivo – que indica uma acção no seu início, significa rapidez do início do processo (*pôr-se + a, começar + a, desatar + a*)

2) Durativo – que denota uma acção no seu curso sem qualquer idéia do seu início ou fim (*andar ou estar + gerúndio*)

→ um valor progressivo pode ser distinguida dentro desta modalidade quando é indicado que a acção está para ser realizada (*vir ou ir + gerúndio*)

→ verbos com *-ecer + estar* indicam que o processo está a desenvolver à conclusão (*está a amanhecer = é quase madrugada*)

3) Terminativo – que indica o momento final do processo (*parar de, deixar de*)

4) Pontual – denota o processo na sua totalidade, indicando que a certa acção ocorreu (pretérito perfeito simples – *cantei, dormi*)

5) Iterativo – denota uma acção repetida (*tenho comido, dou saltos*)

6) Resultativo – indica o resultado final, ainda presentem duma acção acabada (*ficou internado*) (Costa, 1976:198).

Além dessa distinção básica, que divide o verbo, ou seja predicções, gramaticalmente, em dois grandes grupos aspectuais de formas, costumam alguns estudiosos alargar o conceito de aspecto, nele incluindo valores semânticos pertinentes ao verbo ou ao contexto.

Assim, nas frases:

(24) João começou a comer.

(25) João continua a comer.

(26) João acabou de comer. (Cunha, Cintra, 2005:380)

não há uma oposição gramatical de aspecto. É o próprio significado dos auxiliares que transmite ao contexto os sentidos incoativo, permansivo e conclusivo. Dentro dessa lata conceituação, podem-se distinguir as seguintes oposições aspectuais:

1) aspecto pontual / aspecto durativo.

A oposição aspectual caracteriza-se neste caso pela menor ou maior extensão de tempo ocupada pela acção verbal.

2) aspecto contínuo/ aspecto descontínuo.

Aqui a oposição aspectual incide sobre o processo de desenvolvimento da acção.

3) aspecto incoativo / aspecto conclusivo.

O aspecto incoativo exprime um processo considerado em sua fase inicial, o aspecto conclusivo ou terminativo expressa um processo observado em sua fase final.

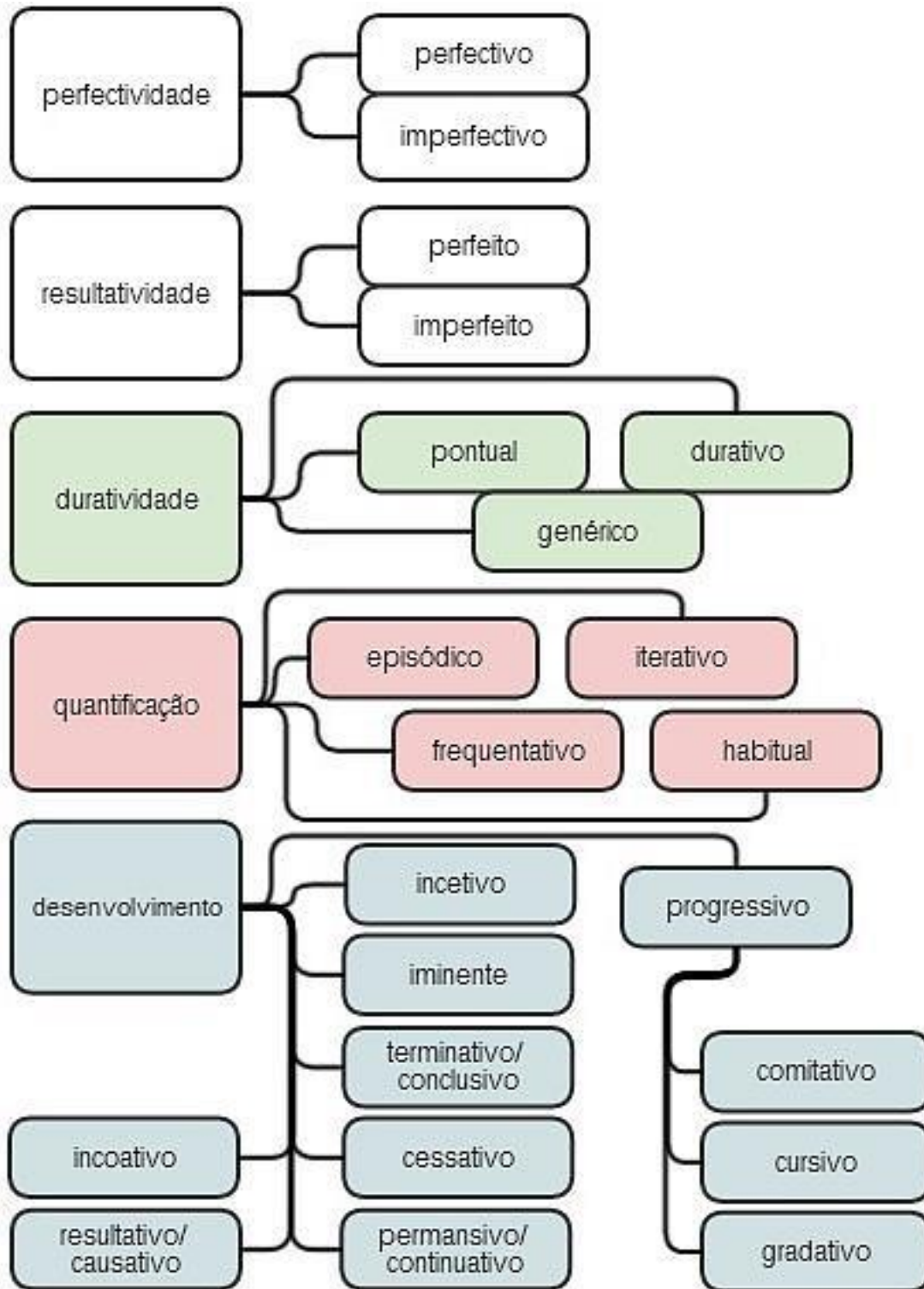
São também de natureza aspectual as oposições entre forma simples e perífrase durativa: leio/estou a ler. A perífrase *estar + a + infinitivo*, que designa o aspecto do momento rigoroso estende-se a todos os modos e tempos do sistema verbal e pode ser substituída por outras perífrases, formadas com os auxiliares de movimento (*andar, ir, vir, viver, etc.*) ou de implicação (*continuar, ficar, etc.*): Ando a ler. Continuo a ler.

Tais oposições baseiam-se fundamentalmente na diversidade de formação das perífrases verbais. De um modo geral, pode-se dizer que as perífrases construídas com o infinitivo ou o gerúndio expressam o aspecto inacabado, não concluído (Cunha, Cintra, 2005:380-381).

Nenhum desses autores não parece ter um sistema sistemático. Eles somente listam alguns valores possíveis, sem os sistematizar. Todos concordam que a distinção entre valor imperfectivo e valor perfectivo é básica, e depois só mencionam outras possibilidades aspectuais com breve descrição. Santos Ferreira (2012) oferece uma síntese dizendo que dependendo da combinação de diferentes formas linguísticas, podem se assumir os valores aspectuais que se indicam e explicitam em relação a um de cinco parâmetros: perfectividade, resultatividade, duratividade, quantificação e fase de desenvolvimento.

Imagem 1 mostra a sistematização dos valores aspectuais como foi encontrada em Santos Ferreira (2012).

Imagem 1. Valores Aspectuais.



Santos Ferreira (2012) explica cada um dos parâmetros:

1) perfectividade: valor perfectivo/valor imperfectivo

Uma situação perfectiva é perspectivada como um todo, logo, é encarada como acabada (terminada, concluída); no caso de a situação em causa implicar uma culminação, o ponto de perspectiva temporal situa-se num momento posterior a esta, ou seja, depreende-se que a culminação foi atingida.

Uma situação imperfectiva é perspectivada no seu decurso, logo, é encarada como inacabada (não terminada, não concluída); no caso de a situação em causa implicar uma culminação, o ponto de perspectiva temporal situa-se num momento anterior a esta, ou depreendendo-se que a culminação não se concretiza ou não sendo relevante a sua concretização.

2) resultatividade: valor perfeito/valor imperfeito

Uma situação com valor perfeito implica um estado resultante, ao passo que de uma situação com valor imperfeito não se pode depreender a existência de um novo estado. Só se considera a existência deste parâmetro para situações perfectivas; as situações imperfectivas, ao serem perspectivadas no seu decurso (num momento anterior à sua culminação, no caso de serem télicas), são necessariamente imperfeitas.

3) duratividade: valor pontual/valor durativo/valor genérico (ou gnómico, universal)

Uma situação pontual é perspectivada como instantânea, ou seja, como não tendo duração. Uma situação durativa é perspectivada como ocorrendo num intervalo de tempo mais ou menos alargado.

Uma situação genérica é perspectivada como atemporal e eterna, isto é, não se encontra localizada temporalmente, pois é válida em todos os tempos, pelo que, teoricamente, a sua duração é ilimitada. Por este motivo, uma situação com valor genérico é imperfectiva. Ocorre, caracteristicamente, em enunciados que expressam verdades científicas ou ideológicas (asserções axiomáticas) e em definições.

4) quantificação: valor único (singular, episódico)/valor iterativo (plural, repetido)

Uma predicação pode referir-se a uma ocorrência única, localizada num intervalo de tempo específico (independentemente de essa localização temporal ser ou não identificada), ou a um conjunto de ocorrências (repetição de uma situação). Neste último caso, enquadram-se o valor frequentativo (estabelecido por expressões como *frequentemente, ocasionalmente, algumas/várias/muitas vezes, de vez em quando*; entre os tempos verbais, destacam-se o PPS e o PPC) e o valor habitual (estabelecido pela presença de expressões como *habitualmente, geralmente*; do verbo *costumar*; entre os tempos verbais, destacam-se o presente e o IMP do indicativo).

5) fase de desenvolvimento:

O valor iminente: uma situação é apresentada no momento anterior ao da sua realização; implica o seu momento inicial, mas sem o focalizar (*estar + para + infinitivo; ir + infinitivo*).

O valor incoativo: representa a passagem de uma situação a outra (*morrer, tornar-se + adjetivo*).

O valor inceptivo: uma situação é apresentada no seu início, ou seja, é focalizado o seu limite inicial (*começar, começar + a + infinitivo, iniciar*).

O valor permansivo ou continuativo: uma situação que teve início anteriormente continua a verificar-se (*continuar + a + infinitivo, permanecer*).

O valor progressivo: uma situação é perspectivada num momento interno ao seu desenvolvimento, sem focalizar os seus limites inicial ou final; o valor progressivo subdivide-se nos seguintes:

- valor cursivo: uma situação é perspectivada num momento em que está em curso (*estar + a + infinitivo*)

- valor comitativo: uma situação é perspectivada em vários instantes do seu desenvolvimento (*andar + a + infinitivo, viver + a + infinitivo*)

- valor gradativo: uma situação é perspectivada no seu decurso, no qual se verifica uma mudança de estado gradual, ou seja, verifica-se uma aproximação gradual à situação referida (*ir + gerúndio, vir + gerúndio, vir + a + infinitivo*)

O valor terminativo (ou conclusivo): uma situação é apresentada do ponto de vista do seu termo (*acabar, acabar + de + infinitivo, terminar*)

O valor cessativo: representa a interrupção de uma situação contínua ou habitual (*deixar + de + infinitivo, parar + de + infinitivo*)

O valor resultativo ou causativo: marca o resultado duma mudança (*estar + particípio passado*) (Santos Ferreira, 2012:155 – 159).

2.4. Tipologia Aspectual

Existem várias tipologias aspectuais dos verbos e predicacões.

Uma primeira e mais importante distinção a fazer é entre eventos e estados, que se baseia na diferença entre as situações dinâmicas e situações não dinâmicas. As primeiras são os eventos e as últimas os estados. Os eventos podem ser télicos ou atélicos, isto é, ou tendem para um fim ou não. Cada tipo de situação pode ter ou não ter duração (Santos Ferreira, 2012:159). Segundo Mateus et al. (2003) os eventos télicos chamam-se processos culminados e culminações, distinguindo-se entre si por duração razoavelmente longa (processos culminados) e muito breve (culminações). Os processos são outro tipo de eventos, que se distinguem dos anteriores por serem atélicos (Mateus, Brito, Duarte, Faria, 2003:134-135).

A natureza semântica das predicacões constitui a base aspectual sobre a qual os restantes elementos linguísticos vão atuar, podendo introduzir ou não alterações sobre essa base. Observa-se no nível da predicacão, e não apenas do verbo, porque, dependendo dos seus argumentos, um mesmo verbo pode veicular diferentes valores aspectuais, como aprofundar-se-á adiante, pelo que é necessário, na definição das classes aspectuais, ter em consideração o valor veiculado pelo verbo em conjunto com os respetivos argumentos (Santos Ferreira, 2012:159).

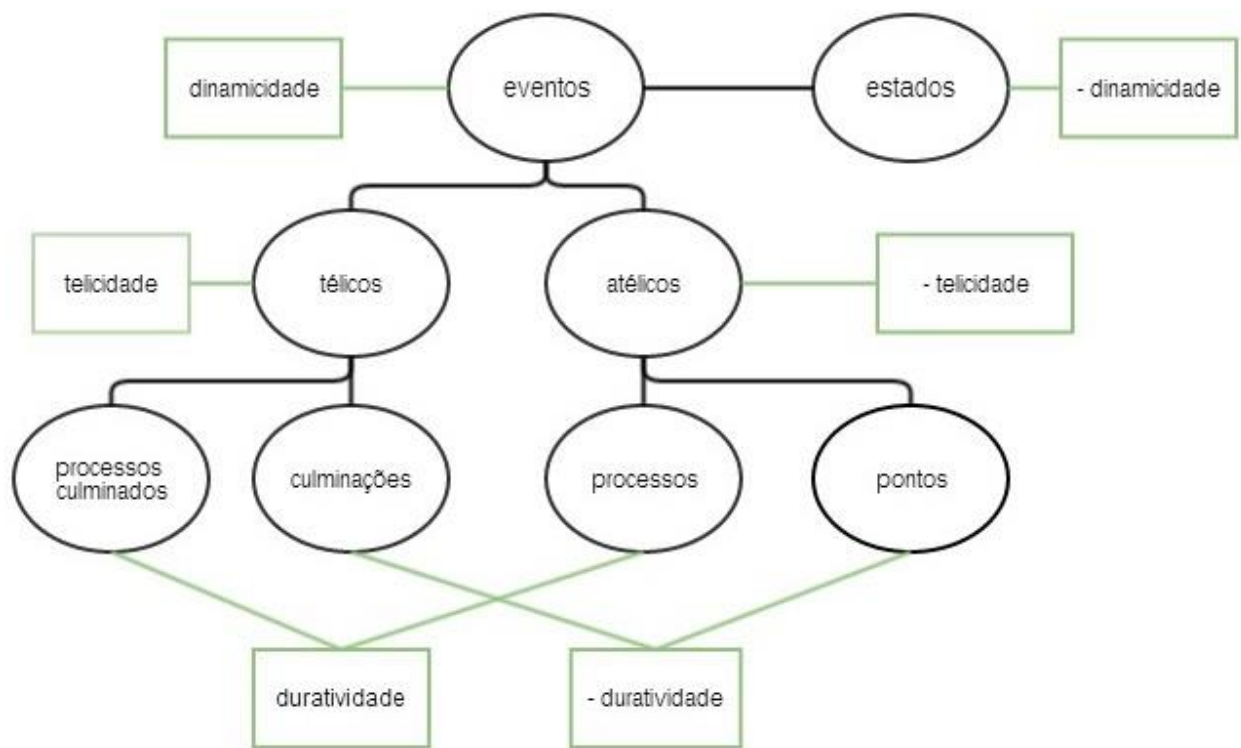
Adopta-se neste trabalho, a tipologia aspectual apresentada em Oliveira (2003c, pp.134-138, apud Santos Ferreira, 2012:160), a qual distingue as seguintes classes aspectuais:

- estados – ser alto, ser simpático, estar doente, gostar de sopa;
- processos – correr, tocar piano, chorar, ir às compras;
- processos culminados – almoçar, arrumar a casa, tomar banho;

- culminações – chegar a casa, morrer, sair;
- pontos – espirrar, suspirar de alívio, bater à porta (Santos Ferreira, 2012:160).

Imagem 2 mostra como três propriedades aspectuais (dinamicidade, telicidade e duratividade) são suficientes para distinguir cinco classes aspectuais (eventos de estados, eventos tólicos de eventos atólicos, processos culminados e culminações de processos e pontos, processos culminados e processos de culminações e pontos).

Imagem 2. Tipologia Aspectual.



Conforme Santos Ferreira (2012) existem cinco propriedades que permitem caracterizar as situações.

Essas propriedades são:

- dinamicidade (ou dinamismo): as situações que revelam esta propriedade caracterizam-se pela ocorrência de uma mudança, no interior do seu decurso global, provocada ou sofrida por uma entidade envolvida; os eventos são dinâmicos; os estados são não-dinâmicos.

- telicidade (ou delimitação, terminatividade): as situações que revelam esta propriedade caracterizam-se por tenderem para um fim, ou seja, implicam um limite, uma fronteira final, um ponto de culminação. Os processos culminados e culminações são télicos; os estados e processos são atélicos.

- duratividade (ou duração): as situações que revelam esta propriedade caracterizam-se por ocuparem um intervalo de tempo mais ou menos longo e, conseqüentemente, por possuírem estrutura temporal interna, ou seja, não ocorrem instantaneamente ou num curto espaço de tempo. Os estados, processos e processos culminados são durativos; as culminações e pontos são não-durativos.

- homogeneidade: as situações que revelam esta propriedade caracterizam-se por não apresentar diferenças na sua constituição interna (não apresentam uma fase intermédia e uma culminação), podendo ser interrompidas ou abandonadas sem que tal afete a sua essência. Os estados e processos são homogêneos; os processos culminados, culminações e pontos são heterogêneos.

- resultatividade (ou existência de um estado conseqüente): as situações que revelam esta propriedade caracterizam-se por originar um estado resultante. Os processos culminados e culminações são resultativos; os estados, processos e pontos são não-resultativos.

As três primeiras propriedades são suficientes para distinguir as cinco classes aspetuais: a dinamicidade permite isolar a classe dos estados; a telicidade permite distinguir processos culminados e culminações de processos e pontos; e a duratividade, por sua vez, permite distinguir processos e processos culminados de culminações e pontos (Santos Ferreira, 2012:160 – 162).

Existem alguns testes distribucionais e semânticos que ajudam a aferir a que classe uma dada situação pertence. Alguns são a verificação da (in)compatibilidade de determinadas classes com determinadas categorias (como expressões adverbiais) e na identificação da leitura preferencial que as situações adquirem em contexto por influência dos tempos verbais (Santos Ferreira, 2012:162).

Primeira divisão entre eventos e estados, conforme as situações sejam ou não dinâmicas. Assim, frases como (27)-(29) serão consideradas de cariz estativo, se não se encontra qualquer marca de dinamismo nas situações que descrevem.

- (27) A Maria está doente.
- (28) O João é português.
- (29) O Rui tem um B.M.W. azul.

Por outro lado, frases como (30)-(32), por se revelarem tipicamente dinâmicas, representam eventos.

- (30) O João escreveu uma carta.
- (31) A Maria partiu o vidro.
- (32) O Rui passeou no jardim. (Oliveira, 1995:78)

Pode-se ainda distinguir várias subclasses dentro do grupo dos eventos, se se toma em linha de conta factores como a duração ou a existência de um ponto terminal intrínseco. Oliveira (1995) adopta a categorização proposta por Moens (1987).

Assim, para além dos estados, que são durativos, não dinâmicos e atélicos (não comportam em si um ponto terminativo), existe uma classificação dos eventos constituída por processos, processos culminados e culminações.

Os processos distinguem-se dos estados essencialmente por apresentarem um carácter dinâmico, sendo situações de tipo durativo e atélico. Pertencem a esta categoria frases como (33)-(35).

- (33) O João passeou no jardim (durante uma hora).
- (34) A Maria nadou (durante toda a manhã).
- (35) O Pedro leu (durante uma hora).

Os processos culminados partilham com os processos o dinamismo e a duratividade, distinguindo-se deles apenas por ostentarem um ponto terminal intrínseco, o que significa que necessitam de um tempo bem definido para a sua total realização. Alguns exemplos ilustrativos podem ser encontrados em frases como (36)-(38).

- (36) O João leu um livro (em meia hora).
- (37) A Maria almoçou (em meia hora).
- (38) O Rui foi de casa até à escola (em cinco minutos).

Finalmente, as culminações são dinâmicas e télicas mas, ao contrário dos processos e dos processos culminados, não perduram no tempo. Frases como (39)-(41) ilustram bem esta classe.

(39) O João chegou (às cinco da tarde).

(40) A Maria partiu o vidro (às cinco da tarde).

(41) O gato morreu (às duas da manhã). (Oliveira, 1995:78-79)

Os pontos são eventos temporalmente indivisíveis e que se distinguem das culminações por não admitirem um estado resultante. Nesta medida, não é relevante considerar questões de telicidade (Mateus, Brito, Duarte, Faria, 2003:134-135).

3. Perífrases Verbais e Formas Nominais do Verbo

A conjugação perifrástica ou perífrase verbal é uma forma muito usada na língua Portuguesa e é constituída por um auxiliar conjugado mais um verbo principal no infinitivo ou gerúndio. O verbo no infinitivo é normalmente precedido de preposição. Os auxiliares da perifrástica são verbos que perderam o seu sentido próprio para se converterem em auxiliares (Arruda, 2008:174).

A conjugação perifrástica consiste na expressão verbal formada por um verbo no infinitivo, ou no gerúndio, entecedido de um outro que funciona como auxiliar e vai dar ao verbo principal significações complementares que ele só por si não contém.

Utilizam-se como auxiliares na conjugação perifrástica: *ter, haver, estar, ir, vir, andar, acabar, começar, continuar, dever*, etc. A conjugação perifrástica apresenta, como qualquer outro tipo de conjugação, categorias de modo, tempo, pessoa, número, voz e ainda tonalidades específicas da categoria de aspecto (Nunes, Oliveira, Sardinha, 1997:122).

Conjugação perifrástica é constituída por um verbo auxiliar (o que perdeu o seu sentido próprio) mais o infinitivo (precedido ou não de preposição), gerúndio ou

particípio do verbo principal, para exprimir novos matizes de tempo ou de aspecto (Monteiro, Pessoa, 2002:20).

Segundo Costa (1976:191-195), a perífrase é o termo que abrange uma grande variedade de construções que diferem em pontos de vista morfológicos, sintáticos e semânticos. Dois tipos fundamentais são:

- 1) a perífrase gramatical ou morfológica
- 2) a perífrase literária, retórica ou simbólica.

A perífrase verbal engloba construções como tempos compostos, voz passiva e as expressões que têm um verbo não gramaticalizado como o seu núcleo, tais como *querer, poder, dever e começar + a, continuar + a, acabar + de*.

Será necessário distinguir a perífrase verbal *strictu sensu*, isto é a expressão composta de um verbo gramaticalizado, no sentido que o verbo perde o seu significado objetivo, e um verbo conceptual na sua forma nominal que fornece o significado.

No grupo de verbos auxiliares distinguem-se três séries de categoremas:

- 1) Verbos copulativos *ser* e *estar* que levam o conceito verbal puro, bem como a função de ligar o predicado com o sujeito ao qual é atribuído, sempre funcionam como categoremas
- 2) *Ter* e *haver* que apenas designam o tempo, aspecto e a pessoa (e o número ligado a esta), determinam o processo verbal ligado pelo particípio. Quando são utilizados independentemente funcionam como lexemas, e quando são parte de um sintagma verbal têm significado gramatical.
- 3) Verbos que sofreram vários graus de gramaticalização e que, apesar de verbos auxiliares, colorem o elemento conceptual com o significado original que retiveram

Santos Ferreira (2012) acrescenta que a seleção dos verbos gramaticalizados é às vezes muito fácil e intuitiva, mas em outras ocasiões constitui um problema delicado. Em alguns desses verbos o grau de gramaticalização é extremo, e por essa razão facilmente reconhecível, mas em outros o processo parou no certo ponto, tornando-se difícil para decidir-nos a incluí-los no grupo dos verbos auxiliares ou no grupo dos verbos conceituais. Imediatamente se encontra a dificuldade em estabelecer uma

hierarquia dos verbos auxiliares de acordo com o nível de gramaticalização, como qualquer tentativa para fazê-la sempre obedece um critério arbitrário. A preposição determina não só o valor do verbo auxiliar, mas também ajuda a decidir se a gramaticalização ocorreu ou não. *Ter* ou *haver* seguidos pela preposição *de* não são mais auxiliares de tempos compostos, mas tornam-se auxiliares modais. *Deixar + de* não foi considerado gramaticalizado porque o significado objectivo de afastamento é mantido. O pronome reflexivo *-se* também as vezes determina a gramaticalização do verbo nuclear (Santos Ferreira, 2012:177-178).

As perífrases verbais, ou complexos verbais, consistem em sequências de dois ou mais verbos, unidos ou não por uma preposição, em que apenas um deles é um verbo principal ou copulativo e os restantes são verbos auxiliares. Numa perífrase verbal, o(s) verbo(s) auxiliar(es) precede(m) o verbo auxiliado, modificando-o, e apenas o primeiro verbo auxiliar (ou o único) recebe flexão verbal, encontrando-se o verbo auxiliado (e os restantes auxiliares, no caso de ocorrer mais do que um) numa forma não finita (particípio passado, infinitivo ou gerúndio). Tradicionalmente, considera-se que os verbos auxiliares veiculam apenas noções gramaticais, cabendo ao verbo principal a expressão de valores semânticos. Alguns autores discordam desta visão, defendendo que a passagem de verbos plenos a auxiliares (processo de gramaticalização) não resulta no esvaziamento total do valor semântico original do verbo, pois verifica-se a retenção de algumas características semânticas; por outro lado, o verbo auxiliado também veicula informações gramaticais, o que é visível pelo facto de não ser indiferente a forma não finita em que se encontra. Isto mesmo afirma Barroso (2006, apud Santos Ferreira, 2012:177-178): *no processo de auxiliação, os elementos linguísticos intervenientes (auxiliar e auxiliado, com ou sem conectivo preposicional) contribuem de igual modo com informação lexical e gramatical, ou seja: o primeiro não é só morfema (encarregado de expressar tempo, aspecto, modo, pessoa e número) pois, quando auxiliar, expressa uma função nova, isto é, transforma-se mantendo parcialmente o seu sentido; e o segundo não é só semantema (encarregado de expressar o significado lexical), também é portador de uma parte da função gramatical (o ser infinitivo, gerúndio ou particípio): são, por conseguinte, adjuvantes mútuos no contexto sintagmático* (Barroso, 2006, apud Santos Ferreira,

2012:177-178). Gonçalves e Costa (2002) concluem que: *A ausência de unanimidade entre os vários trabalhos decorre de factores diversos: por um lado, os critérios de auxiliaridade são escassos e divergem de autor para autor; por outro lado, quando existem, esses critérios são essencialmente nocionais, ou seja, apelam apenas para o tipo de situações que os verbos em questão designam* (Gonçalves & Costa, 2002, apud Santos Ferreira, 2012:179). As autoras defendem que é necessário ter em consideração critérios sintático--semânticos para definir com rigor o conjunto dos verbos auxiliares, distinguindo-os de outros verbos que podem integrar sequências de verbos que não constituem perífrases verbais (*querer*).

Gonçalves e Costa (2002, apud Santos Ferreira, 2012) atribuem as seguintes propriedades aos verbos auxiliares:

- selecionam um complemento de categoria verbal, e não frásica, pelo que as estruturas em que ocorrem são instâncias de frases simples;
- não selecionam a expressão que desempenha a função sintática de sujeito (é o verbo principal que impõe restrições de seleção semântica e atribui um papel semântico ao sujeito);
- não impõem restrições sobre o predicado verbal do seu complemento, podendo combinar-se com verbos pertencentes a qualquer subclasse sintática e com predicados verbais de qualquer classe aspetual.

De acordo com estas propriedades, Gonçalves e Costa (2002) concluem que apenas os verbos *ter* e *haver*, seguidos de participio passado, cumprem todos os critérios sintático-semânticos que apresentam para a identificação dos verbos auxiliares, pelo que os consideram os verbos auxiliares puros do Português. Aos restantes verbos que cumprem parcialmente os critérios propostos designam de semiauxiliares e sugerem que sejam organizados numa escala de auxiliaridade consoante o seu grau de aproximação aos auxiliares:

1. *ser* passivo
2. os verbos temporais *ir*, *vir*, *haver* (*de*)
3. os verbos modais *poder* e *dever*, verbos aspectuais seguidos da preposição *a* (*estar a*, *andar a*, *começar a*)

4. o verbo modal *ter (de)*; verbos aspetuais seguidos das preposições *de (deixar de)*, *para (estar para)* e *por (ficar por)* (cf. Gonçalves & Costa, 2002, apud Santos Ferreira, 2012:179-180).

Quanto aos valores que podem ser expressos por meio de perífrases verbais, estes repartem-se pelos seguintes: (i) formação de tempos compostos; (ii) formação de frases passivas; (iii) informação temporal; (iv) informação aspetual; e (v) informação modal (Santos Ferreira, 2012:181).

3.1. Perífrases Aspectuais

A perífrase verbal é o método mais comum de expressar aspecto em Português (Costa, 1976:198-199). As perífrases aspectuais são meios linguísticos privilegiados para a focalização nas diversas fases de desenvolvimento das situações: fase preparatória, momento inicial, fase de desenvolvimento, fronteira final, estado consequente (Santos Ferreira, 2012:183)... Os parâmetros aspetuais resultatividade e duratividade podem ser alterados por meio de perífrases aspectuais, em que se faz variar apenas a presença da perífrase aspetual *estar + a + infinitivo* (Santos Ferreira, 2012:183). Neste âmbito, Cunha (1998b e 1998c apud Santos Ferreira, 2012) considera que os verbos semiauxiliares que integram as perífrases aspectuais são operadores aspectuais, ou seja, originam a conversão de um determinado tipo de situação num outro, e percorre as perífrases *estar + a*, *começar + a*, *passar + a*, *continuar + a*, *deixar + de*, *parar + de*, *acabar + de* e *andar + a + infinitivo*, explicitando quais os tipos de situações com os quais se podem combinar e qual o resultado, para cada caso, dessa combinação (Santos Ferreira, 2012:184).

Infinitivo e gerúndio (e participio) fornecem o sentido lexical objetivo porque a expressão do significado gramatical é deixada para o auxiliar. Nas construções perifrásticas o infinitivo ocorre na sua forma impessoal e expressa a acção inacabada. O gerúndio tem características do advérbio e do verbo. Expressa uma acção parcialmente concluída e parcialmente ainda para ser concluída. Na sintagmas com *ir*

ou *vir + a + infinitivo* a expressão de aspecto é predominante. Expressa uma acção no processo de realização (Costa, 1976:196).

O significado da forma simples não é idêntico ao significado geral do sintagma, porque o verbo auxiliar, com o que resta do seu significado objectivo, colora a ideia expressa pela forma conceitual com qual ocorre e isto resulta num novo significado.

Mattoso Câmara chama a atenção para este facto afirmando que “*é uma técnica má de descrição gramatical considerar as formas perifrásticas a combinação de dois verbos numa única frase em que ambos mantêm o seu significado verbal*” (CÂMARA 1964:86)

Uma unidade semântica perfeita é obtida apenas quando o primeiro segmento do sintagma perde o seu significado objectivo de tal maneira que a conexão morfológica das duas palavras independentes é provada: uma fornecendo o significado objectivo e outra levando o significado gramatical. A forma auxiliar do verbo, após assumir a expressão de noções gramaticais do significado interno, perde o outro significado que se manifesta pela forma do verbo conceitual. A análise destes sintagmas é um processo que consiste nas duas partes: a identificação dos verbos auxiliares que lhes tornam possíveis, e usando isto como base, construção do maior número de expressões de valor distinto.

As expressões são primeiro grupados de acordo com os verbos auxiliares que constituem o núcleo, e depois de acordo com a forma nominal na qual aparecem no sintagma.

- a) Verbos auxiliares + preposição + infinitivo
- b) Verbos auxiliares + expressão gerundial (Costa, 1976:188).

Conforme Oliveira et al. (2004) verbos aspectuais ocorrem em duas estruturas diferentes, em ambas as variedades:

1. verbo auxiliar + a + infinitivo ou gerúndio
2. verbo auxiliar + de + infinitivo ou gerúndio

Assume-se que a função semântica principal dos verbos aspectuais seja modificar as propriedades temporais internas da eventualidade com qual co-ocorrem. Verbos aspectuais funcionam como operadores semânticos. A função principal de verbos como

começar, passar, continuar, estar, andar, ficar, deixar, parar ou *acabar*, quando ocorrem numa das estruturas acima mencionadas, é para seleccionar uma classe aspectual e convertê-la na outra com características temporais (possivelmente) diferentes na leitura final da frase (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:141-142).

A forma progressiva *estar + a + infinitivo*, por exemplo, é usada para converter um processo em progresso numa predicação estática, ou seja, estado progressivo. O progressivo não é aplicável aos estados. Os estados básicos não formam uma classe homogênea e, seguindo Cunha (1998), precisa se admitir uma distinção fundamental entre estados não faseáveis e estados faseáveis. Esta distinção explica porque alguns estados básicos podem ocorrer na forma progressiva e outros não podem.

(42) A Maria está a ser alta.

(43) O meu cão está a ser agressivo.

(44) O Pedro está a correr.

(45) A Rita está a comer uma maçã.

(46) O gato está a morrer.

A frase (42) é estado não faseável, (43) estado faseável que precisa de ser convertido no processo. A frase (44) é um processo e (45) um processo culminado que precisa de perder a sua culminação. A frase (46) é uma culminação.

A análise destes exemplos mostra que apenas estados não faseáveis não podem ocorrer na forma progressiva porque o 'output' da progressiva é o estado.

Uma análise similar pode ser feita com *andar* e *ficar*, como as condições combinatórias deles são quase idênticas às de *estar*. As diferenças mais significantes surgem com a sua leitura final: *andar* designa o estado habitual (ou iterativo), enquanto *ficar* desencadeia um evento pontual associado ao processo. A função semântica básica do verbo aspectual *começar* é para indicar o início de uma dada situação. Estados não faseáveis não podem ocorrer com este operador aspectual, isto é, *começar* precisa a mudança no perfil aspectual da situação que não existe no estado preliminar ou nesse não faseável (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:143-145).

A leitura final provocada pelo *começar* é um acontecimento pontual que estabelece o início do processo básico ou derivado, como é mostrado em seguinte:

(47) A Maria começou a trabalhar/ler o livro às cinco horas.

A razão por que a leitura final é restringida ao processos está relacionada a uma espécie de Paradoxo Imperfectivo desencadeado por *começar*, como a frase:

(48) O Rui começou a comer a maçã

não implica a verdade de O Rui comeu a maçã (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:145-146).

Passar também aponta para o início duma dada situação. É compatível com os estados não faseáveis e estados faseáveis. Pode-se combinar com eventos quando eles podem previamente ser coagidos a estados habituais. Quando a predicação base é um estado, o significado aproximado é *tornar-se*, quando a predicação base é um evento, o significado é semelhante a *começar* de forma habitual. No respeito à sua leitura final, *passar* parece a receber a interpretação estática. Mas um tipo de evento pontual está associado com este estado a fim de marcar a transição. Algumas restrições aplicam-se à co-ocorrência dalgumas expressões adverbiais de localização temporal. Mas existem alguns que podem ocorrer com este verbo aspectual, como em:

(49) Desde 1 de Janeiro o Pedro passou a ler o jornal.

Pode se concluir que *passar* transmite predicados estativos.

Continuar acrescenta uma nova porção temporal duma situação durativa. Isto é a razão pela qual culminações são inaceitáveis em frases com *continuar*.

(50) O comboio continuou a chegar.

A frase (50) não é possível porque descreve uma culminação, que é a classe aspectual que não suporta a noção da duração qual *continuar* implica.

Embora possam ocorrer se se intepretam relativamente, por exemplo, como processos derivados.

(51) O João continuou a acordar cedo.

Mais uma vez aparece o Paradoxo Imperfeito. Quer dizer que da verdade da frase

(52) A Maria continuou a comer o bolo.

não se pode inferir de qualquer forma que

(53) A Maria comeu o bolo.

também é verdadeiro.

Continuar não afecta a estrutura interna das eventualidades no seu âmbito, por que apenas acrescenta uma nova porção temporal de mesmo tipo da situação à eventualidade com qual se combina (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:146-148).

Verbos aspectuais nas construções *de + infinitivo* são relacionados com a interrupção, suspensão, conclusão ou culminação duma eventualidade. Esses verbos são: *deixar de*, *parar de* e *acabar de*. De acordo com a natureza dos 'inputs', *acabar de* pode ser um operador aspectual ou pode ter um significado temporal. Como um operador aspectual, *acabar de* selecciona processos e processos culminados como predicções básicas. Entretanto, o seu 'input' precisa de ser coagido a um processo e o 'output', como ele marca o fim duma situação, é a culminação (ou possivelmente um processo culminado) tomando em conta os adverbais com quais pode co-ocorrer.

(54) Ontem, o Rui acabou de ler o livro às 5 horas.

(55) Ontem, o Rui acabou de ler o livro em meia hora.

Este verbo aspectual não pode combinar com estados e quando a predicção base é uma culminação, tem um significado temporal.

(56) Ontem, o Rui acabou de sair.

Quando *acabar de* tem o significado temporal, ele também aceita estados fase (57), culminações (56) e pontos (59):

(57) O Rui acabou de ser simpático: ofereceu-me um livro.

(58) O Rui acabou de sair (neste momento/ há pouco).

(59) O Rui acabou de bater à porta.

No entanto, deve ser notado que o ponto de vista temporal é no intervalo relevante adjacente e imediatamente posterior ao termino da eventualidade. Se este não é o caso, com culminações, estados e pontos essa localização não ocorre (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:162-163).

Parar de é em alguns aspectos semelhante ao verbo *acabar de*: as predicções básicas são processos e processos culminados (60) e (61), e o 'input' é o processo. Mas o 'output' é diferente porque não se inique o fim da situação, mas a interrupção (temporária) dela. O seu 'output' é um evento pontual associado com um estado cessante. O 'output' é numa maneira instável, pois pode-se focar no evento pontual (62) ou no estado cessante (63)

(60) O Rui parou de ser alto/ser simpático/*sair.

(61) O Rui parou de correr/ ler o livro.

(62) O Rui parou de ler o livro às 5 horas.

(63) O Rui parou de ler o livro durante 1 hora (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:164-165).

Deixar de pode seleccionar estados e eventos como predicção base, mas o seu 'input' é diferente, dependente do que selecciona: quando a predicção básica é um estado, o 'input' é também um estado, e quando a predicção básica é um evento, o 'input' é estado habitual.

(64) Ele deixou de ser gordo.

(65) Ela deixou de ser simpática/fumar/sair/ler o jornal.

Este verbo aspectual admite um tipo diferente do 'input', um processo como *chover*, *rir* e *ver*, onde não há coerção para um estado habitual. Neste caso é mais perto de *parar de* como em:

(66) Deixou de chover.

(67) Naquele momento o condutor deixou de ver o carro em frente.

O 'output' de *deixar de* e *parar de* é muito semelhante – o evento pontual mais o estado cessante, mas enquanto se *parar de* concentra principalmente no evento pontual, *deixar de* concentra-se no estado cessante (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:163-165). Quando se comparam *acabar de*, *parar de* e *deixar de*, pode-se dizer que o primeiro indica a culminação dum processo, o segundo indica a interrupção (possivelmente temporária) dele e o terceiro a cessação dum estado habitual, como em (68) O Rui acabou de/parou de/ deixou de fumar (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:165).

4. Análise

Nesse trabalho não foi escolhido um modelo de análise concreto, mas pretendeu-se verificar se as definições nas fontes existentes descrevem com precisão o significado final das formas perífrásticas aspectuais. Foi escolhido um romance contemporâneo que descreve bem a língua falada contemporânea. Utilizando o corpus que se compõe de todas as ocorrências do perífrases verbais aspectuais encontradas no livro *Sei lá*, da autora Margarida Rebelo Pinto, vai se examinar o sentido do verbo auxiliar, do verbo principal e o sentido final da forma perifrástica. Vai se analisar como as perífrases funcionam como operadores aspectuais convertendo uma classe aspectual para a outra com características temporais diferentes. Foram escolhidas as construções mais frequentes. As perífrases que vão ser analisadas são: *estar para*, *estar a*, *andar a*, *começar a*, *ficar a*, *passar a*, *pôr-se a*, *continuar a*, *chegar a*, *desatar a*, *ir a*, *vir a*, *ir + gerúndio*, *vir + gerúndio*, *parar de*, *deixar de* e *acabar de*.

4.1. Estar + para + infinitivo

Estar + para + infinitivo no pretérito indica uma acção iminente que quase aconteceu (Costa, 1976:209), exprime a iminência de um acontecimento, ou o intuito de realizar a acção expressa pelo verbo principal (Cunha, Cintra, 2005:394), acção prestes a realizar-se, intenção ou proximidade da realização (Arruda, 2008:174), a proximidade ou intenção (Nunes, Oliveira, Sardinha, 1997:122).

Fontes concordam que o significado geral do sintagma é o de iminência, acção que quase aconteceu, intuito de realizar a acção ou proximidade de realização da acção. A leitura final da frase é um estado progressivo.

1. - Porque tu não lhe disseste o dia em que o Ricardo chegava, só lhe disseste que estava para chegar.
2. Não estou para investir numa relação com uma pessoa que nunca sabe o que quer.

Na frase (1) é mostrado que a acção de *chegar* está para ser realizada por Ricardo. Trata-se de um desenvolvimento iminente, a situação é apresentada no momento anterior ao da sua realização. A chegada do Ricardo ainda não aconteceu.

Estar + para + infinitivo emprega-se para indicar a intenção de realizar a acção ou a iminência da mesma (Monteiro, Pessoa, 2002:30) no presente, indica uma acção que está prevista (Costa, 1976:209). A frase (2) mostra intenção, ou neste caso falta de intenção, para realizar uma acção prevista.

A construção *estar + para + infinitivo* não ocorreu frequentemente no corpus, mas os exemplos que foram encontrados correspondem às definições existentes. Perífrase tem um valor aspectual iminente. Denota uma acção que quase aconteceu ou a intenção de a realizar.

4.2. Estar + a + infinitivo

Conforme as fontes *estar + a + infinitivo* ou *estar + gerúndio* denota uma acção começada mas não acabada e que está a ocorrer no momento (Arruda, 2008:174), usa-se para indicar uma acção durativa, continuada (Cunha, Cintra, 2005:394; Oliveira, Sardinha, 1997:122). Tem um valor aspectual ingressivo, mas o seu valor aspectual não é sempre claro. Frequentemente pode assumir um valor que é temporal e espacial: *Está a chover muito em Coimbra* (Costa, 1976:208). É a perífrase que denota um processo no presente ou no progresso. As frases (1-37) têm um valor progressivo cursivo, isto é, representam uma situação que é perspectivada num momento em que está em curso.

1. Estamos nós aqui a falar deles para quê?
2. - Estás a reduzir o sexo ao que ele tem de mais básico, que é chegar ao orgasmo.
3. - Deve-lhe ter passado finalmente pela cabeça que estamos a gozar com ele.
4. Está a jogar a última cartada e parece-me que não vai ter sorte.
5. Estão os dois a tomar banho de espuma numa banheira gigantesca e pedem-me para lhes ir buscar as toalhas.
6. Mas o panorama complica-se quando me apercebo que estão a combinar um jantar em casa da Catarina, eu que tinha prometido jantar com a família.
7. O que eu estou a perguntar é quem é ele, o que é que faz, é Francisco quê?
8. Ao ver a Luísa enfiada num canto, resolve sentar-se ao lado dela e conversar em voz baixa e tom suspeito de modo a que ninguém oiça o que lhe está a dizer.
9. Olho em volta e reparo que todos se estão a divertir menos eu.
10. - Não estamos a falar de mim, deixa-me cá estar no meu canto, sossegada.
11. - Em vários sítios - responde com o olhar vago de quem está a pensar noutra coisa.
12. - E tu, achas que eu mereço o que estou a passar?
13. A aula de química já começou e a temperatura está a subir.
14. - Mas é exactamente para onde me está a levar!

15. Não estou a acreditar no que me está a acontecer.
16. Quando acordo o Francisco está a tomar duche.
17. Disse-me que tinha saudades de Lisboa e que estava a pensar voltar cá um dia destes.
18. - Eu já fui beber café, comprei os semanários todos e estava a pensar em ir almoçar à Caparica.
19. A Luísa olha-me como se lhe estivesse a espantar a caça.
20. O Zé Miguel olha-me, pesaroso, como se eu lhe estivesse a dizer que estou com pitiríase versicolor.
21. Se não estivesse a atravessar o mesmo estado de aparvalhamento amoroso acharia tudo isto ridículo.
22. A cada dia que passa sinto-me melhor, como se me estivesse a libertar do fantasma do Ricardo que veio comigo na mala.
23. Pergunto pelos rebentos da Catarina que graças a Deus já estão a dormir e como a casa é grande não há perigo de acordarem.
24. Apetece-me responder-lhe que a última vez que acreditei correu-me tudo mal e ainda estou a sofrer as consequências.
25. A Luísa estava a explicar ao Gonçalo como é que tinha conseguido fazer um pião na marginal com o seu Honda VTEC.
26. - A Madalena e eu estávamos a combinar ir ao Docks beber um copo. Porque é que não vamos todos?
27. Se eu fosse como tu ainda agora estava a chorar o Pedro, o Luís, o Carlos, o teu primo Zé Miguel, o Jorge, o Filipe, o Manel e sei lá mais quantos...
28. Espero que não se esteja a preparar para me pedir em casamento, pois iria escolher o pior timing do mundo.
29. Estou a vê-lo sentado num motão oferecido pelo papá (reconhecem-se logo pelas botas e pelo blusão) e deve trabalhar numa sociedade financeira, ou então é advogado.
30. Já estou a ver esta Carlota.
31. Já me estou a ver sentada à mesa a falar de tudo e de nada para não ser interrompida até chegar o momento da verdade em que a neura, o basco e

assuntos a estes subjacentes irão cair na sopa ou com um bocado de sorte, na mousse de chocolate.

32. Os parvos denunciam um ar perplexo de quem está a tentar interpretar.
33. - Porque acho que estás a inventar desculpas para ires comer uma gaja.
34. Seis meses depois estás a suspirar para que ele te caia outra vez na sopa.
35. Estávamos sempre a discutir, chateados um com o outro.
36. O Francisco e eu estávamos ali a tentar adivinhar os vossos nomes, e eu resolvi perguntar.
37. Estavam os dois a aquecer o carburador.
38. Raramente bebo, mas hoje está-me a apetecer.
39. E apesar disso, como foi ele que te deixou, ainda estás em dúvida; por um lado nutres algum desprezo pelos seus defeitos que não te poupaste em ridicularizar, mas por outro sentes falta daquela paz confortável que se estava a instalar entre vocês. → progressivo gradativo?
40. O rapaz está a ficar chateado.
41. Mais uma vez acertei no nome dele. Estou a ficar boa nisto.
42. - Obrigado, mas estou quase a transformar-me em abóbora - boceja a Mariana.
43. - Bem, se insistes muito levo-te ao teu carro.
- Se quiser eu levo-a - corta logo o Francisco.
A mosca-morta está a sair da casca.
44. O Francisco está a revelar-se esperto, muito esperto.
45. O teu mini está a tornar-se uma relíquia.
46. Verde já está a passar um bocado de moda e isso agrada-me.

A maioria dos exemplos pertence à categoria que denota uma acção não acabada que está a ocorrer no presente, tem valor aspectual progressivo cursivo, imperfectivo, não acabado e durativo. A forma progressiva *estar + a + infinitivo*, é usada para converter uma situação em progresso numa predicação estática. O significado final de oração é estado progressivo (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:142-143).

4.3. Andar + a + infinitivo

Conforme O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP), o significado do verbo *andar* é mudar o lugar por meio de movimentos repetidos ou indeterminados. A leitura final da perífrase *andar + a + infinitivo* é um estado habitual ou iterativo (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:144). Exprime um movimento indefinido que expressa a continuidade e frequência da acção. As frases (1-5) mostram o valor progressivo comitativo que é perspectivada em vários instantes do seu desenvolvimento. Também têm um valor iterativo frequentativo qual é destacada na frase (4) com a expressão adverbial *todos os dias*.

1. O rapaz andou a ver filmes dos anos 40 starrirg Humphrey Bogart.
2. Então tu andas a receber cartas de amor do teu antigo namorado e achas que eu não tenho nada a ver com isso?
3. A Teresa aproveita para comentar que a Luísa vem sozinha, mas esta não deixa o crédito por mãos alheias e explica para quem quiser ouvir que anda a sair com um amigo do Francisco.
4. Regresso à revista onde não se fala doutra coisa. Até a Odete, que tem andado a fugir todos os dias de mim esquece o nosso assunto e comenta com um ar desolado o atentado.
5. Instintivamente e sem pensar nas consequências digo-lhe que sim, depois de o informar que ando a sair com outra pessoa.

Andar + a + infinitivo ou *andar + gerúndio* exprime duração (Nunes, Oliveira, Sardinha, 1997:122), emprega-se para exprimir o aspecto durativo (Monteiro, Pessoa, 2002:31), para indicar uma acção durativa, continuada (Cunha, Cintra, 2005:396), denota prolongamento da acção, acção em curso, mas com uma duração mais longa do que *estar + a + infinitivo* (Arruda, 2008:175). Quando a idéia do movimento está diminuída, uma duração prolongada é expressa (Costa, 1976:217-218). A fase continuativa traduz uma acção após o seu início, exprimindo a permanência da sua progressão e não referenciando o seu término. Nas frases (6 e 7) além da perífrase, os

indicadores aspectuais são expressões adverbiais *desde o princípio e este tempo todo*, e exprimem uma ideia da duração prolongada. Têm um valor progressivo comitativo e durativo.

6. Andaste a brincar ao gato e ao rato comigo desde o princípio!
7. - Não posso acreditar que aquele gajo me andou a enganar este tempo todo - acabo por desabafar.
8. Chegámos pontualmente ao edifício do banco e somos recebidos numa sala de reuniões absolutamente gigantesca e bem recheada de quadros que ilustram bem o que a lei do mecenato anda a fazer pela arte em Portugal.
9. É uma pessoa que eu conheci por acaso e que se anda a mostrar muito interessado.
10. Não tenho nada a ver com a tua vida, mas bolas, já me anda a irritar o estado em que tens deixado a Catarina ultimamente.
11. O celibato anda-te a fazer mal, filha, estás um bocadinho baralhada. (presente)

A construção *andar + a + infinitivo* tem um valor aspectual habitual. Denota uma acção indefinida que expressa a continuidade e frequência da acção. Tem um valor progressivo comitativo e iterativo frequentativo. Exprime uma acção durativa, continuada. Os exemplos que foram encontrados são de acordo com definições existentes.

A diferença principal entre as perífrases *andar + a + infinitivo* e *estar + a + infinitivo* é na duração que abrange o tempo mais longo na construção *andar + a + infinitivo* do que *estar + a + infinitivo*. A leitura final de *estar + a + infinitivo* é uma acção que está em curso relativamente a um determinado momento, enquanto a de *andar + a + infinitivo* geralmente exprime estado habitual ou frequentativo.

4.4. Ficar + a + infinitivo

Conforme O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP), o significado do verbo *ficar* é não continuar um movimento suspenso, permanecer, mas a leitura final da perífrase *ficar + a + infinitivo* é um evento pontual associado com um processo (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:144). Emprega-se para indicar uma acção durativa costumeira, ou mais longa do que a expressa por *estar* (Cunha, Cintra, 2005:396), emprega-se para indicar aspecto durativo (Monteiro, Pessoa, 2002:31). Nas frases (1-10) a noção da duração é destacada. Nas frases (4) e (5) a ocorrência das expressões adverbiais *durante duas horas* e *até às 10 da manhã* estresse a duração da acção. Tem valor progressivo cursivo e comitativo. As frases (3) e (6) têm o significado dum ponto que marca o resultado duma mudança. A perífrase nas frases (3) e (6) tem um valor pontual, causativo.²

1. Apanhado desprevenido, fica a olhar para mim sem reagir.
2. Olha-me fixamente e apercebo-me que ficou a pensar qual é a melhor atitude a tomar.
3. O Ricardo ficou a conhecer bem Lisboa e sabia que podia voltar quando quisesse, que tinha sempre onde ficar.
4. Ficámos a conversar durante duas horas e foi preciso a Dona Graciete, que era quem tomava conta do negócio, bater à porta a dizer que o tempo já tinha acabado para eu sair daquele quarto com cheiro a incenso e quadros de feira.
5. Ficámos a conversar até às 10 da manhã, tomámos o pequeno almoço juntos, voltámos a encontrar-nos à tarde, depois de algumas horas de sono exausto e sobressaltado e os dias que se seguiram foram só para estarmos juntos e nos

² Nas frases (11-14) embora a construção pareça a da forma perífrastica, o verbo *ficar* não se comporta como verbo (semi)auxiliar que faz parte da perífrase verbal, mas funciona como verbo principal.

11. A Mariana está muito bonita, com o cabelo apanhado e um vestido justo que lhe fica a matar.

12. Gozo quase com volúpia cada instante de velocidade, enquanto encosto o meu peito às costas dele, confortavelmente almofadadas por um blusão de camurça castanho que lhe fica a matar.

13. Está absolutamente espampanante, com um vestido decotado azul-escuro que tem ao todo menos de três palmos de comprimento e que lhe fica a matar, encavalitada nuns saltos com pelo menos quinze centímetros.

14. Usa o mesmo perfume há anos, Monsieur de Civenchy que lhe fica a matar.

conhecermos.

6. Já sabe onde trabalho, agora quer ficar a saber onde é que vivo.
7. Gosto de estar contigo, tens qualquer coisa que me faz ficar a pensar nas milhares de coisas que podíamos fazer juntos antes de nos deitarmos numa cama, o que só é bom sinal.
8. Não achas que é mais útil levar os miúdos a brincar ao jardim ao domingo de manhã do que ficar a ler os semanários e a namorar debaixo dos lençóis?
9. Ainda fiquei lá a dormir três noites, com medo de a deixar sozinha.
10. Agora imagina que o Ricardo em vez de se ir embora daí a meia hora ficava a dormir uma noite em Lisboa e te convidava para jantar.

É importante distinguir o significado da perífrase *ficar a* entre as quais designam os pontos e as que de denotam processos durativos. *Pôr-se* designa o momento inicial do novo estado com um carácter momentâneo enquanto *ficar* (além de também denotar o momento inicial) enfatiza a duração do resultado. Para exprimir duração, a segunda palavra no sintagma deve ser um lexema durativo (Costa, 1976:225). Há três perífrases quais exprimem duração duma acção – *estar + a + infinitivo*, *andar + a + infinitivo* e *ficar + a + infinitivo*. Mas além de *estar a* designar as acções mais curtas do que *andar a* e *ficar a*, também tem valor aspectual cursivo, enquanto *andar + a + infinitivo* e *ficar + a + infinitivo* têm valor comitativo. As diferenças mais significantes surgem com a sua leitura final: *andar* designa o estado habitual (ou iterativo), enquanto *ficar* desencadeia um evento pontual associado ao processo (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:143-145). *Ficar + a + infinitivo* pode as vezes, além do valor durativo, ter valor pontual.

4.5. Começar + a + infinitivo

Conforme O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP), o significado do verbo *começar* é o de dar começo a, principiar.

A leitura final de *começar + a + infinitivo* é um evento pontual que designa o começo de um processo (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:145). *Começar a + infinitivo* indica

início da acção (Arruda, 2008:175), exprime o aspecto inocativo (Nunes, Oliveira, Sardinha, 1997:118; Cunha, Cintra, 2005:381). Barroso distingue as perífrases de 'colocação da acção', distinguindo as que designam 'ordem' (*começar por + infinitivo, começar + gerúndio, continuar + gerúndio, acabar por/terminar por + infinitivo, acabar/terminar + gerúndio*) das que designam passagem de uma acção para outra (*passar a + infinitivo, ficar a + infinitivo e ficar + gerúndio*) (Barroso, 2007:27). Todas as acções nas frases (1-22) são apresentadas no momento do seu início. A perífrase exprime o valor inceptivo mas pode ganhar o valor iterativo quando o verbo principal é télico, como nas frases (1 e 3). A situação descrita em (1 e 3) repete-se até se pode considerar iterativa.

1. Começou a trabalhar como criativa em agências de publicidade aos 20 anos e aos 22 começou como jornalista no Independente, passando depois pelo Sete, destacando-se como cronista.
2. Já era tarde quando decidimos dar uma volta pelo Bairro Alto, a Luísa e eu, porque a Catarina tinha de levar os miúdos à escola cedo e o João apareceu para buscar a Teresa. A Mariana estava com uma neura letárgica e só de ouvir falar em sair começou logo a abrir a boca de sono.
3. Trabalha com o Paulo desde que ele começou a fazer revistas, faz parte da mobília.
4. As gralhas já começaram a falar, mas estou a leste, não me apetece participar na dialéctica.
5. Comecei a duvidar de tudo o que ele me dizia, mexia-lhe na carteira à procura de facturas ou outros sinais denunciadores, deixei de ter descanso.
6. Quando comecei a fazer entrevistas, pensei, ingénua, que ia fazer revelações, relatar factos interessantes, mostrar coisas que o comum dos mortais não vê.
7. Já são três e meia e devia deitar-me, mas deixei o computador ligado e o texto que tinha começado a escrever exerce sobre mim uma atracção irresistível.
8. Vê-se logo, quando começam a saltar de uma perninha para a outra.
9. Batem com o maço de cigarros na mesa, brincam com o isqueiro, começam a beber copos uns atrás dos outros.

- 10.- Vocês sabem o que é que me aconteceu outro dia? - e começa a contar uma intriga rocambolesca da qual foi vítima no Conservatório onde teima em ser professora de violino e rapidamente a conversa toma outro rumo.
11. Começo a duvidar que se juntaram propositadamente para os meus anos.
12. Se é isto que ela sente, então começo a percebê-la melhor.
13. Estamos a passar um bom bocado e tu começas a falar logo em coisas sérias!
14. O silêncio começa a pesar no ar e a Odete recua.
15. Começo a balbuciar coisas sem nexos.
16. Quando começa a ficar frio olho para o relógio e já passa das seis.
17. Começo a chorar em silêncio, desta vez sem conseguir parar, até ficar submergida em soluços.
18. O Francisco pede-me que me sente ao colo dele e tira do bolso de trás uma declaração escrita à máquina em papel azul de trinta e cinco linhas que começa a ler baixinho ao meu ouvido:
19. Começo a chorar e a rir ao mesmo tempo como se tivesse oito anos e alguém me tivesse oferecido o último modelo da Barbie.
20. Acabou de separar de mim e vamos jantar daqui a um bocadinho, isto já começa a transformar-se numa overdose.
21. Rio perdidamente, até me começarem a cair lágrimas pela cara abaixo.
22. O que eu sabia é que o gajo existiu e ponto final. Pensei que o facto de começarmos a andar juntos significasse a inexistência do gajo na tua cabeça, ou sou eu que estou a ser ingénuo?

A leitura final provocada pelo *começar* é um acontecimento pontual que estabelece o início do processo básico ou derivado. A razão por que a leitura final é restringida aos processos está relacionada a uma espécie de Paradoxo Imperfectivo desencadeado por *começar a* (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:145-146). *Passar a* também aponta para o início duma dada situação. Quando a predicação base é um estado, o significado aproximado é *tornar-se*, quando a predicação base é um evento, o significado é semelhante a *começar* de forma habitual. No respeito à sua leitura final, *passar a* parece a receber a interpretação estática. Mas um tipo de evento pontual está

associado com este estado a fim de marcar a transição (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:146-148).

4.6. Pôr-se + a + infinitivo

Conforme O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP), o significado do verbo *pôr-se* é deixar ficar algo num local ou levar algo até lá.

Pôr-se + a + infinitivo exprime o início da acção implicando que o processo vai se aproximar à conclusão. A substituição de *começar a* com *pôr-se a* é possível em todos os casos. Tem um valor ingressiva e exprime a rapidez do início do processo (Costa, 1976:231). *Recomeçar + a + infinitivo* traduz, para além do carácter inceptivo, a recorrência de uma acção, do mesmo modo que *pôr-se + a + infinitivo* acarreta, igualmente, o valor secundário de «motivação», não ocorrendo normalmente com verbos de cópula. Uma variante contextual, empregue somente em contextos denotativos do início de uma acção, por suspensão de uma orientação anterior, é a construção *pôr-se + a + infinitivo* (Barroso, 1994, apud Troca Pereira, 2000:22).³ As frases (1-8) têm valor inceptivo, a acção é representada no seu início.

1. A Dona Hilda está nervosa, põe-se a dar voltas ao botão sem acertar e levanto-me como uma flecha e vou ao lado de dentro do balcão sintonizar no 89.5.
2. Dá-me um beijo ausente e apressado e põe-se a observar os quadros com excessiva atenção para não se mostrar desocupado e em seguida não se poupa em gabar o aspecto divino do leite-creme que a Teresa, esmerada, fez para o jantar.

³ Nas frases (9 e 10) embora parece a forma perifrastica, o verbo *pôr-se* não se comporta como verbo (semi)auxiliar que faz parte da perífrase verbal, mas funciona como verbo principal.

9. Já me queria levar para Vila Viçosa e pôr-me a beber chá com a mãezinha e tu achas que sou eu que estou a levar tudo muito a sério.

10. Pediu um gin tónico e uma Coca-Cola para mim (o álcool depois da meia-noite põe-me a dormir em menos de cinco minutos) e ficámos ali as duas à conversa enquanto ela trocava olhares alternadamente gulosos e superiores com os dois exemplares da mais pura raça lusitana que nos observavam discretamente.

3. Ponho-me a deambular à procura de um vestido engraçado ou de um casaco azul-escuro, mas sem êxito.
4. O Gonçalo saiu do carro e pôs-se a falar com a Luísa.
5. Pôs-se a falar dos miúdos com tal efusão que percebi que deve ter havido chatice com o Bernardo.
6. O Francisco usou-me para apurar as suas investigações e quando percebeu que não conseguia descobrir nada através de mim, pôs-se a andar.
7. Coitada, até trata bem dos miúdos, mas é como eu, tem horror à cozinha e quando lhe cheira a convidados, inventa logo uma desculpa para se pôr a andar.
8. Estão neste salão gigantesco mais de quatrocentas pessoas e se me puser a fazer contas de cabeça e a construir o puzzle de quem já comeu ou anda a comer quem, as linhas cruzam-se nas mais variadas direcções.

Segundo Costa (1976) *pôr-se + a + infinitivo* tem um valor ingressiva e exprime a rapidez do início do processo. A substituição de *começar + a* com *pôr-se + a* é possível em todos os casos (Costa, 1976:231), mas Barroso (1994, apud Troca Pereira, 2000) fala de motivação acarretada por *pôr-se*, que é visível na suspensão de uma orientação anterior. As definições das perífrases *começar + a* e *pôr-se + a* não fazem uma distinção clara entre essas construções.

4.7. Passar + a + infinitivo

Conforme O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP), o significado do verbo *passar* é atravessar, transpor, deixar atrás, mudar de situação. A perífrase verbal *passar + a + infinitivo* é compatível com estados faseáveis e não faseáveis, e a sua leitura final é um estado mais um evento pontual (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:146). Tendo o valor incoativo, marca a passagem de uma situação a outra. As

frases (1 - 3) são estados, enquanto as frases (4 – 6) marcam a passagem de um estado habitual ao outro.⁴

1. Trocámos de vidas, de corpos, de cabeça e de alma, passámos a ser uma só pessoa e foi exactamente isso que mais tarde nos separou.
2. O Pedro passou definitivamente a ser o meu Cyrano depois de me ter apaixonado pelo Guilherme, tornando-se num dos meus melhores amigos, sobretudo depois do Guilherme se ter distraído com uma bailarina do Conservatório, pálida e desengonçada, que lhe deu a volta em três tempos.
3. Só agora vejo até que ponto mudei desde que o Ricardo passou a fazer parte da minha vida.
4. Depois, ficámos tão amigos que passámos a encontrar nos noutros lugares.
5. Redecorou a casa onde vivia com os dois rapazes, um andar espaçoso e solarengo numa perpendicular à Avenida da Liberdade e passou a organizar serões para a sociedade intelectual da época.
6. Passas a pensar em função deles.
7. Depois de uma passagem pela informação do Canal 1 da RTP passou a dedicar-se ao vídeo e ao guionismo.
8. Passei a dar-me com os amigos da minha mulher e agora que nos separámos é que estou a rever os meus antigos amigos...
9. Passa-se a fazer vida de casado, a sair com amigos que também são casados e têm filhos. Foi o que me aconteceu quando casei.

Conforme Barroso (2007) *começar a*, que representa a passagem de um “não evento” a um evento, ou seja, marca o início de uma nova situação, pode aparecer

⁴ Nas frases (10-13) embora a construção pareça a da forma perifrástica, o verbo *pôr-se* não se comporta como verbo (semi)auxiliar que faz parte da perífrase verbal, mas funciona como verbo principal.

10. - Ok. Passo-te a buscar à uma, está bem?

11. As horas passam a voar, entre histórias dos miúdos e anedotas que o Bernardo coleccionou durante as férias no Algarve.

12. - Lembras-te dos serões que passávamos a ler e a ouvir a Billie Holiday?

13. - Faz a tua vida normal, vai almoçar com uma amiga tua, não lhe contes nada e ao fim da tarde eu passo a buscar-te, está bem?

combinado com eventos e estados faseáveis como categoria-base, fase pré-preparatória no input e evento pontual no output. *Passar a*, apesar de ser semanticamente semelhante a *começar + a*, porque permanece a ideia de passagem de uma “não eventualidade” a uma eventualidade (Cunha 1999: 453 apud Barroso, 2007:73), distingue-se em todo o caso dele por aspectualmente serem outras as suas restrições combinatórias. *Passar* transmite predicados estativos e *continuar* acrescenta uma nova porção temporal duma situação durativa. *Continuar* não afecta a estrutura interna das eventualidades no seu âmbito, por que apenas acrescenta uma nova porção temporal de mesmo tipo da situação à eventualidade com qual se combina (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:146-148). Embora *começar a* usualmente marca o início duma acção, também pode marcar uma situação habitual ou iterativo. *Passar a* também denota início duma situação, mas significa passagem a um estado novo habitual. Parece que às vezes essas perífrases são intersubstituíveis.

4.8. Continuar + a + infinitivo

Conforme O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP), o significado do verbo *continuar* é não interromper, levar adiante. A leitura final da perífrase verbal *continuar + a + infinitivo* é um processo ou um estado (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:148), exprime aspecto durativo (Cunha, Cintra, 2005:380). Essa perífrase tem valor permansivo ou continuativo porque descreve uma situação que teve início anteriormente e continua a verificar-se.

1. O Francisco observa-me em silêncio enquanto o casal maravilha continua a contar mentiras um ao outro.
2. A Luísa e o Gonçalo continuam animadamente a conversar, mas eu cheguei ao fim da noite.
3. Continua a namoriscar todas as meninas bonitas que conhece, às vezes com bastante sucesso.
4. A minha mãe continua a fazer os arranjos mais bonitos que alguma vez vi.

5. A sobrinhada assalta-me em bando, pendura-se nos braços e no pescoço, dá-me os parabéns atabalhoadamente e desaparece tão depressa como apareceu, regressando em alegre e desconcertante chilreio ao quarto dos brinquedos onde continuam a brincar aos imperadores.
6. É uma mulher à antiga portuguesa que continua a acreditar que uma senhora às vezes é melhor não falar, não ver ou não ouvir certas coisas.
7. Até a Mariana participa alegremente na conversa do Gonçalo e da Catarina que continuam a reviver o passado na Parada.
8. Os outros dois continuam a cochichar no sofá do fundo.
9. O seu violino e os seus alunos continuam a ser a única coisa que lhe dá verdadeiramente prazer.
10. Continuo a fazer-me de parva.
11. Ao fundo a Billie Holiday continua a cantar ironicamente You can't be mine and some else's too, some day you find I have been a friend to you...
12. Da interminável e quase fastidiosa colecção de namoradas guardou óptimas amigas com quem se continua a dar, num misto de cumplicidade e sentimento fraterno.
13. Mas a pior perda continua a ser o filo fax, com bilhetinhos de amor do Ricardo e duas fotografias dele quando tinha quatro anos, adorável, de cabelo aos caracóis e calções aos quadrados numa praia em Santander.
14. O silêncio continua a dobrar-me a língua e esforço-me para responder com alguma fluência aos comentários do Francisco sobre o que nos rodeia.
15. Hoje perdeu o glamour, quase todo o cabelo e já alguns dentes mas a sabedoria dos anos e a leveza com que continua a levar a vida dão-lhe um encanto irresistível.
16. Aluguei uma casa perto da que era nossa onde ela continua a viver com a mãe e assim vejo-a quase todos os dias.
17. Quando terminamos, deita-se ao meu lado e as mãos perdem-se no meu cabelo, numa sucessão infinita de festas, enquanto me continua a amar, com os olhos esbugalhados e doces.

18. E como não consigo viver o presente sem construir castelos no ar, mesmo quando já sei de antemão que não passam de artifícios que me ajudam a viver fora do mundo e a continuar a sonhar, não retiro da nossa relação nenhum prazer.

19. E no entanto, eu gostava dele e continuava a gostar, mesmo quando se foi embora de um dia para o outro.

Pode se concluir que *passar* transmite predicados estativos e *continuar* acrescenta uma nova porção temporal numa situação durativa. Isto é a razão pela qual culminações são inaceitáveis em frases com *continuar*. *Continuar* não afecta a estrutura interna das eventualidades no seu âmbito, por que apenas acrescenta uma nova porção temporal de mesmo tipo da situação à eventualidade com qual se combina (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:146-148).

4.9. Chegar + a + infinitivo

Conforme O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP), o significado do verbo chegar é o momento final dum movimento na direcção do lugar descrito pelo complemento circunstancial de lugar. Análogo a *vir + a + infinitivo*, mas com uma ideia de chegada mais enfática. Muitas vezes expressa o primeiro contacto com uma situação nova, não permitindo a percepção da continuidade do processo. Também é uma perífrase que indica a mudança dum estado ou estado futuro. Nota o momento final na série de acções e o início numa situação nova, dando a ideia da força do sujeito na realização do processo (Costa, 1976:238). O aspecto manifestado pelo sintagma composto de *chegar + a + infinitivo* é pontual. Devido a este facto, ocorre frequentemente no pretérito perfeito simples, como este tempo é em consoância com este valor aspectual (Costa, 1976:238).

1. - Não sei, não cheguei a ter tempo de confirmar se de facto ia ou não passar-se alguma coisa entre nós.

Às vezes, com a ideia do fim duma acção, há uma nuance de capacidade (Costa, 1976:238).

2. - Já pensaste por que é que nunca te chegaste a casar?

A construção *chegar + a + infinitivo* não ocorreu frequentemente no corpus, mas os exemplos que foram encontrados são de acordo com definições existentes encontrados em Costa (1976). Perífrase tem um valor aspectual pontual. Denota uma acção que aconteceu no instante e sem duração.

4.10. Desatar + a + infinitivo

Desatar + a + infinitivo exprime, dentro da inceptividade ou da ingressividade, o início repentino de uma acção. A fase inceptiva traduz o ponto de início da acção (Barroso, 1994, apud Troca Pereira, 2000:21). Tem um valor ingressivo e exprime a rapidez do início do processo.

1. Só tenho tempo de entrar e me sentar na sala para desatar a chorar e contar-lhe o que se passa.

A construção *desatar + a + infinitivo* não ocorreu frequentemente no corpus, mas os exemplos que foram encontrados são de acordo com definições existentes. Perífrase tem um valor aspectual inceptivo. Denota uma acção no seu início e focaliza o seu limite inicial.

4.11. Voltar + a + infinitivo

Voltar + a + infinitivo exprime o aspecto descontínuo (Cunha, Cintra, 2005:381), expressa segunda realização de uma situação (Barroso, 2007:32). As frases (1 – 22) têm uma leitura final da acção repetida, a acção aconteceu novamente.

1. - Só esperas porque queres - voltou a cortar a Teresa em tom de quem não

deixa margem de resposta.

2. Nessa mesma noite inventei uma desculpa ao Francisco para jantar sozinha em casa e voltei a mexer na caixa das fotografias e das cartas dele.
3. E no dia seguinte, quando voltei a ver o Francisco e me apercebi que o meu amor por ele não era mais do que o desejo de carinho, atenção e companhia que é a receita mágica dos amores médios e de segunda escolha, comecei a criar-lhe uma aversão muda e quase imperceptível, sem nunca lhe contar o que me ia na alma.
4. Não voltei a pensar mais no assunto. Por defesa ou por esquecimento, o Guilherme saiu definitivamente da minha vida e não voltou a entrar.
5. O Ricardo já cá está há três dias e não voltámos a falar.
6. Lembro-me de andar permanentemente com um nó no estômago, de dormir sempre mal e em sobressalto, de contar os minutos até o voltar a ver e de o desejar com todos os poros.
7. Ao relê-las foi-me impossível não voltar a sentir o coração a bater e o nó no estômago que sempre acompanharam a paixão.
8. Um dia perdi a paciência e disse-lhe que se ela queria voltar a ver o antigo namorado que o fizesse naquela mesma noite, porque me apetecia ficar sozinho em casa a ver um filme.
9. Passaram-se duas semanas até o voltar a ver.
10. Fecho os olhos só para ter o prazer de os voltar a abrir e reviver cada segundo.
11. Para a Luísa, tratou-se apenas de um pretexto para voltar a ver o Gonçalo.
12. Alguém já te roubou o oxigénio e por isso ainda te consideras em plena convalescença, o que não é rigorosamente verdade porque já estás ótima, mas deves ter percebido que também é bom estar na defensiva porque assim ao menos ninguém te volta a invadir.
13. O Paulo concorda e durante toda a tarde não volta a tocar no assunto.
14. O telefone volta a tocar.
15. Depois de ter tudo preparado volta a fitar-me com o mesmo olhar vazio que me lembra o dos coelhos do talho onde a minha mãe compra carne.

16. - Antes que me esqueça, ligou um Francisco Machado à sua procura hoje de manhã, diz que volta a ligar antes do almoço.
17. Saímos da cama às duas e meia à pressa e ele volta a deixar-me à porta da revista.
18. Aceito, mas com uma condição: não me voltas a dar presentes deste género.
19. Mas agora duvido, repenso, hesito e volto a duvidar de mim mesma, dele, dos meus sentimentos por ele.
20. Passámos noites e noites a fio acordados, enlevados por uma paixão imensa e doce cujo sabor sei que não mais voltarei a sentir.
21. E o mais irónico é que quando me apercebi disso e me quis libertar, achei que se ele sáísse da minha vida tudo voltaria a ser como dantes.
22. Ricardo não voltou a dar notícias o que pode querer dizer que nem sequer está a pensar em mim.

Perífrase *voltar + a + infinitivo* exprime a repetição simples, ou seja, a acção que foi repetida duas vezes. Os exemplos que foram encontrados são de acordo com definições existentes. Perífrase tem um valor aspectual iterativo ou frequentativo, mas a situação em questão aconteceu apenas mais uma vez.

4.12. Ir + a + infinitivo

Conforme O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP), o significado do verbo *ir* é partida, a retirada do sujeito para o lugar designado pelo complemento circunstancial de lugar. No pretérito imperfeito, que também permite *para* e *a*, expressa uma acção em que apenas o primeiro passo foi feito e que não continuou: Mas quando ia a pegar na pena, ele protestou.

Em algumas situações com *ir + a + infinitivo*, expressa-se uma ideia de movimento, indica a iminência da acção (Costa, 1976:240), indica que a acção foi apenas iniciada (Arruda, 2008:176). O verbo *ir* (no imperfeito, perfeito do indicativo) + *a + infinitivo* exprime uma fase iminencial, reproduz o início de uma acção. As construções com o

auxiliar *ir* podem indiciar a introdução da acção na fase iminencial, quando seguidas da adversativa *mas*, ou de uma preposição. Quando acompanhado com o conector preposicional *a*, apenas admite verbos momentâneos (Barroso, 1994, apud Troca Pereira, 2000:21).

1. Está um dia bonito, cheio de sol, por isso vou a guiar de janela aberta até à revista.

A perífrase *ir + a + infinitivo* não ocorreu frequentemente no corpus, nem os exemplos encontrados são de acordo com definições existentes. Na única frase encontrada no corpus (1) exprime a acção progressiva semelhante à de *estar + a + infinitivo*.

4.13. *Vir + a + infinitivo*

Conforme O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP), o significado de *vir* é transportar-se de um lugar para aquele onde estamos ou para aquele onde está a pessoa a quem falamos, oposto de *ir*.

No pretérito perfeito simples, o sintagma manifesta o valor aspectual terminativo, semelhante a *acabar por* em que só é importante o fim do processo sem qualquer preocupação com o início ou duração do processo, permitindo que se pressupõe uma série de acções antes de chegar ao fim (Costa,1976:215). *Vir + a + infinitivo* expressa o resultado final da acção (Cunha, Cintra, 2005:395), indica o resultado final da acção (Arruda, 2008:176), emprega-se para exprimir o resultado da acção (Monteiro, Pessoa, 2002:31), exprime a idêia de *por fim* ou *aproximadamente* (Costa,1976:215). *Vir + a + infinitivo* ou *acabar + de* exprimem o resultado final (Nunes, Oliveira, Sardinha, 1997:123). Na frase (1) a perífrase exprime a acção apresentada do ponto de vista do seu termo. Tem o valor aspectual terminativo. Conforme Costa (1976) *vir + a + infinitivo* mostra que o facto do futuro é pensado ser certo (Costa,1976:215) como na frase (2) que também exprime a idêia de *dever*, *acontecer* ou *realizar-se* (Costa,1976:216). A frase (3) exprime o resultado final. Análogo a *chegar + a + infinitivo*, mas com uma idêia de chegada menos enfática. Indica a mudança dum estado ou estado futuro. Nota o

momento final na série de acções e o início duma situação nova, dando a idéia da força do sujeito na realização do processo (Costa, 1976:238). Na sintagmas com *ir* ou *vir + a + infinitivo* a expressão de aspecto é predominante. Expressa uma acção no processo de realização (Costa, 1976:196). Neste caso, como na frase (4) tem o valor aspectual incoativo.

1. Vim a guiar com o piloto automático ligado e o lugar à porta não me obrigou a descer à terra para me preocupar com as ocupações diárias do comum mortal: acordar a horas, escolher a indumentária, estacionar o carro, ter que comer, pagar contas, trabalhar, falar ao telefone, despejar o lixo e dormir.
2. O amigo de Paris era o Guilherme, que se viria a tornar na minha grande paixão do fim da adolescência
3. - Depois, uns tempos mais tarde, caí outra vez das nuvens quando um dia o passo a buscar à porta do banco e ele vem a sair com a Judite, que era a secretária dele na altura.
4. É por isso que estavas tão distante quando chegámos a Cabo Verde, vinhas a pensar nele, não era?

Vir + a + infinitivo é uma perífrase que indica a mudança do estado e resultado final da acção. Tem a valor aspectual incoativo e terminativo.

4.14. Ir + gerúndio

Conforme O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP), o significado do verbo *ir* é partida, a retirada do sujeito para o lugar designado pelo complemento circunstancial de lugar. *Ir + gerúndio* exprime a realização gradual da acção, uma acção que se aproxima ao seu fim, dando assim à duração de processo uma nuance de lentidão e monotonia, exprime o aspecto contínuo, usa-se para indicar que a acção se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas (Cunha, Cintra, 2005:395). No presente do indicativo indica o aspecto durativo de uma acção a iniciar ou a decorrer, no pretérito perfeito simples indica o aspecto durativo de uma acção já passada, no

imperfeito do indicativo indica a realização gradual de uma acção passada, em que esta se desenvolveu lentamente (Arruda, 2008:175). É uma perífrase que denota um processo no presente ou progresso, tem valor progressivo cursivo como nas frases (1 – 13) que exprimem uma acção no seu decurso, no qual se verifica uma mudança de estado gradual. Têm valor aspectual progressivo gradativo.

1. As silhuetas dos sobreiros erguem-se dignas e silenciosas sob o pano solene e tranquilizador do céu azul muito escuro, e vão ficando para trás, como que a dizer adeus, a sussurrar baixinho segredos escondidos na folhagem verde-pálido.
2. Deitamo-nos ao sol que, entre as nuvens, vai queimando a pele branca e desprotegida.
3. Quando não combino nada alugo um filme no Clube de Vídeo Estrela do Alto, uma cave infecta com meia dúzia de títulos antigos em cópias gastas que me vão enchendo os serões, ou releio Alexandre O'Neill e Eça, enrolada na manta de viagem que roubei num voo de longo curso.
4. Odeio a monotonia desta vida em que estes actos quase abjectos e sem sentido se repetem sem descanso, e pior ainda que a sua repetição representa o nosso equilíbrio, triste paradigma da nossa vida organizada, espartilhada em horários, obrigações e deveres, almoços e jantares, dias e noites que se comem uns aos outros sem darmos pelo tempo que vai passando, passando, até ao dia em que se faz trinta anos, e depois quarenta e depois cinquenta.
5. A pouco e pouco you-me descontraindo.
6. É uma casinha deliciosa, com poucos móveis e a estante a conversar sozinha no meio da sala com as partituras que nela se vão empoleirando ao longo dos anos.
7. Se a vida te correr mal, deixas mesmo de ser mulher e a pouco e pouco vais-te habituando à ideia.
8. Vai sempre aumentando e ficando mais pesado, mais difícil de ignorar.

9. A azáfama para a preparação da festa vai-se intensificando: as três salas do escritório estão agora mergulhadas em fotografias, maquetes, folhas de fax e post-its por todos os lados.
10. A pouco e pouco vamos levantando o véu.
11. A minha mãe ouve-me em silêncio e vai empalidecendo gradualmente mas guarda o sangue-frio e a serenidade que tanta falta me fazem.
12. Não casei porque quando era mais nova queria era divertir-me e viajar, depois os anos foram passando e quando vivi com o Ricardo senti sempre que os nossos feitios eram incompatíveis e a pouco e pouco fui-me habituando a viver sozinha.
13. A pouco e pouco fui-me esquecendo da história e recuperei lentamente o sono e a paz.

Ir + gerúndio no imperfeito do indicativo indica uma acção cuja realização esteve iminente, mas não se concretizou (Arruda, 2008:175). Com *ir* no pretérito imperfeito, o sintagma indica que uma acção era iminente, mas que não foi realizada, a iminência da acção (Costa, 1976:240).

Nos outros momentos, como nas frases (14 – 20) exprime uma acção que é simultânea com a outra.

14. Chegámos vinte minutos atrasados o que já deixou o senhor um pouco irritado e quando me aperta a mão vai dizendo que tem um almoço à uma em ponto e que não se pode atrasar.
15. O subchefe trauteia a melodia com ar distante enquanto vai preenchendo os diferentes espaços do formulário da participação.
16. Vou-lhe dizendo que sim com a cabeça enquanto saboreio com a memória fresca u fim-de-semana.
17. Dou-lhe o braço e descemos lentamente pelos passeios estreitos e esburacados da encosta do castelo até à Baixa enquanto vamos conversando sobre as nossas vidas.
18. Eu digo a tudo que sim e vou tirando as minhas notas enquanto o gravador de entrevistas faz o resto do trabalho.

19. Os fotógrafos vão cercando as pessoas conforme vão entrando e pairam no ar sorrisos de todos os tamanhos, que escondem todas as emoções.
20. Agarro-me ao Guilherme e choro convulsivamente, enquanto vou desabafando as minhas mágoas.

Uma subcategoria aspectual que visualiza uma acção após o seu início e, em particular, no seu decurso, é a fase progressiva. Concilia uma visão progressiva a fórmula *ir + gerúndio*, ficando a visão retrospectiva aliada a *vir mais gerúndio*. Emprega-se para indicar a realização progressiva e reiterativa da acção (Monteiro, Pessoa, 2002:30-31). *Ir + gerúndio* nas frases (21 – 24) exprime um valor iterativo.

21. O Zé Miguel vai falando das suas novas namoradas, que colecciona como quem colecciona borboletas.
22. E sei tudo porque as pessoas me vão contando as histórias de outras pessoas, convencidas de que ninguém sabe as suas próprias histórias.
23. E como a memória é selectiva e possui a eterna capacidade de se auto-reciclar, com o tempo vais-te lembrando só das coisas boas.
24. As pessoas vão chegando em pequenos grupos de dois e quatro e inicia-se a habitual feira das vaidades, a dança das toilettes das mulheres, a sinfonia das jóias, o espectáculo da ostentação que tão bem caracteriza estes acontecimentos.

A maioria dos exemplos de perífrase *ir + gerúndio* tem valor progressivo gradativo. Também expressa uma acção durativa, simultânea com uma outra acção. Às vezes a perífrase denota um processo iterativo. Os exemplos quando a leitura final tem significado duma acção iminente, quase acontecida, não ocorreu no corpus.

4.15. Vir + gerúndio

Vir + gerúndio tem um valor aspectual iterativo quando ocorre com lexemas momentâneos; também denota um processo no presente ou no progresso, indica que a acção se desenvolve gradualmente (Cunha, Cintra, 2005:395), exprime uma realização gradual ou progressiva (Nunes, Oliveira, Sardinha, 1997:122). Uma subcategoria aspectual que visualiza uma acção após o seu início e, em particular, no seu decurso, é a fase progressiva. Emprega-se para exprimir o aspecto gradativo e reiterativo da acção (Monteiro, Pessoa, 2002:31).

Exemplos dessa perífrase não foram encontrados no corpus.

4.16. Parar + de + infinitivo

Conforme O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP), o significado do verbo *parar* é cessar no movimento ou na acção, chegar a um termo ou um fim. *Parar + de* não parece gramaticalizado porque contém a idéia de cessamento ou de fim numa acção. Conforme Oliveira et al. (2004) verbos aspectuais nas construções *de + infinitivo* expressam interrupção, suspensão, conclusão ou culminação numa eventualidade. Essas perífrases incluem *deixar + de + infinitivo*, *parar + de + infinitivo* e *acabar + de + infinitivo*. O valor desses perífrases pode ser ou terminativo (conclusivo) ou cessativo. Conforme Costa (1976) o valor terminativo ou conclusivo indica o momento final do processo. As perífrases com essa leitura final são *parar de* e *deixar de* (Costa, 1976:198). Conforme Santos Ferreira (2012) o valor terminativo (ou conclusivo) é quando uma situação é apresentada do ponto de vista do seu termo como é no caso de *acabar*, *acabar + de + infinitivo* e *terminar*, enquanto *deixar + de + infinitivo*, *parar + de + infinitivo* têm o valor cessativo, quer dizer representam a interrupção de uma situação contínua ou habitual (Santos Ferreira, 2012:155 – 159).

As divisões não são de acordo, mas a maioria delas não inclui ambas os valores – terminativo e cessativo. Na minha opinião, a divisão de Santos Ferreira (2012) é mais detalhada. Conforme Santos Ferreira (2012) *parar de* tem valor cessativo; representa a

interrupção de uma situação contínua ou habitual (Santos Ferreira, 2012:155 – 159), descreve a interrupção ou paragem de um dado evento, mas parece não poder aplicar-se a estados nem a culminações, mas ocorrendo exclusivamente com processos e processos culminados (Cunha 1999: 459; apud Barroso, 2007:74)

Parar de é em alguns aspectos semelhante à perífrase *acabar de*, mas a leitura final é diferente porque não se inique o fim da situação, mas a interrupção (temporária) dela. A frase (2) tem valor cessativo. É um evento pontual que marca a cessação duma acção durativa. A acção continua é interrompida ou, no caso das frases (1) e (3), não interrompida. As frases (1) e (3) destacam a continuidade duma situação que não cessa.

1. Estou cansada e a minha cabeça não pára de pensar na entrevista que tenho de fazer amanhã a um daqueles empresários que de repente se tornam mediáticos.
2. - Olha lá, ó confiaçudo, e se parássemos de falar de mim e me contasses o que é que fazes na vida?
3. Os outros jornais, as rádios, as revistas e os programas sociais de televisão não pararam de telefonar na última semana a psedir credenciais para fotografar o evento.

A perífrase *parar + de + infinitivo* tem valor cessativo. Representa a interrupção de uma situação contínua ou habitual. Não indica o fim da situação, mas a interrupção temporária dela. A leitura final é um evento pontual.

4.17. Deixar + de + infinitivo

Conforme O Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP), o significado do verbo *deixar* é afastar-se do sujeito em relação ao objecto que permanece no local onde foi encontrado. *Deixar + de* não é considerado gramaticalizado porque contém a idéia de separação ou de permanecer separado. Para haver o valor auxiliar, deve-se referir a um novo estado produzido no objecto (Costa, 1976:230). *Deixar + de + infinitivo* pode ocorrer com estados, acarretando uma mudança de estado, com características de estado cessativo, implicando uma leitura de evento pontual (Barroso,

2007:56). A leitura final de *deixar de* e *parar de* é muito semelhante – o evento pontual mais o estado cessante, mas enquanto se *parar de* concentra principalmente no evento pontual, *deixar de* concentra-se no estado cessante (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:163-165). Indica a cessação dum estado habitual. Pode ocorrer com estados, provocando uma mudança de estado, com características de estado cessativo, implicando uma leitura de evento pontual. Nas frases (1 – 4) não há coerção para um estado habitual. Neste caso o significado da perífrase é mais perto de o de *parar de*, um evento pontual. A leitura final das frases (5 – 12) é um estado cessante, ou em caso das frases (5) e (6) um estado não cessante, contínuo.

1. Mas agora que estou outra vez sozinha e saboreio a solidão como um luxo e a liberdade como um troféu, não consigo deixar de pensar que deixei partir o único homem que amei verdadeiramente, totalmente, com o corpo, a alma, o coração e a cabeça.
2. Américo com muito rigor, mas a reconstituição da cena é tão engraçada que não posso deixar de me rir.
3. Não consigo deixar de pensar no Francisco e dou comigo a imaginar um pacato jantar com ele no Guincho.
4. Não posso deixar de sorrir ao tentar imaginar o que vai inventar para vestir na festa deste ano.
5. O discurso incomoda-me e ofende-me, mas não posso deixar de lhe dar razão.
6. Apercebi-me que se tinha estabelecido entre eles uma enorme empatia e entendimento, o que não deixava de ser curioso, porque pelo retrovisor o que eu via era uma cara fechada, séria, de olhar distante e altivo, que de vez em quando esboçava um sorriso tímido e quase formal.
7. Eu disse-lhe que ou a gaja deixava de ser secretária dele ou ele deixava de ser meu marido.
8. Era muito melhor se tu deixasses de estar tanto à defesa.
9. Comecei a duvidar de tudo o que ele me dizia, mexia-lhe na carteira à procura de facturas ou outros sinais denunciadores, deixei de ter descanso.
10. E sem querer, deixas de ser tu, ou pelo menos deixas de ser como eras. Já não és só mulher, também és mãe. Se a vida te correr mal, deixas mesmo de ser

mulher e a pouco e pouco vais-te habituando à ideia.

11.- Quero dizer que deixas de te sentir sexy, atraente, jovem... mas também não te importas porque tens tanto que fazer e tantas coisas com que te preocupares que o que já foi importante deixa de te interessar.

12. A pouco e pouco deixo de sentir o peso da gravidade, esqueço todos os medos e as tristezas, como se renascesse outra vez nos braços deste homem.

A leitura final das perífrases *deixar + de + infinitivo* e *parar + de + infinitivo* é muito semelhante. Ambas indiciam o evento pontual mais o estado cessante, mas enquanto se *parar + de + infinitivo* concentra no evento pontual, *deixar + de + infinitivo* concentra-se no estado cessante. Indica a cessação dum estado habitual. Pode ocorrer com estados, provocando uma mudança de estado, com características de estado cessativo, implicando uma leitura de evento pontual.

4.18. Acabar + de + infinitivo

Acabar + de + infinitivo indica uma acção recém-concluída (Cunha, Cintra, 2005:396), exprime o fim do que é anunciado pelo verbo, acção acabada de realizar (Arruda, 2008:175), usa-se para indicar uma acção acabada de concluir (Monteiro, Pessoa, 2002:31), exprime o aspecto pontual, também como o aspecto conclusivo (Cunha, Cintra, 2005:380). *Vir + a + infinitivo* ou *acabar + de* exprime o resultado final, tem o valor conclusivo (Nunes, Oliveira, Sardinha, 1997:123).

Acabar de funciona como operador que veicula o final, a conclusão ou a culminação de um evento. Pode ocorrer com todas as classes aspectuais, salvo estados. Porém, na sua combinação com culminações é bem diferente de a com processos e processos culminados: com aquelas, para além da informação aspectual, desempenha também um importante papel em termos temporais. Apresenta as seguintes propriedades: processos e processos culminados como categoria-base, processo básico no input e culminação (ou processo culminado, se, para além de culminação, existir um processo preparatório) na leitura final (Cunha 1998: 122; apud Barroso, 2007:71). De acordo

com a natureza dos 'inputs', *acabar de* pode ser um operador aspectual ou pode ter um significado temporal. Como um operador aspectual, *acabar de* selecciona processos e processos culminados como predicacões básicas. O seu 'input' precisa de ser coagido a um processo e a leitura final marca o fim duma situação, é a culminacão (ou possivelmente um processo culminado) tomando em conta os adverbais com quais pode co-ocorrer. No entanto, deve ser notado que o ponto de vista temporal é no intervalo relevante adjacente e imediatamente posterior ao termino da eventualidade. Se este não é o caso, com culminacões, estados e pontos essa localizacão não ocorre (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:162-163).

Nas frases (6 - 15) funciona como operador aspectual e marca o fim duma situacão, é a culminacão dum processo. As frases (1 - 5) têm significado temporal.

1. À entrada da Pousada cruzamo-nos com um casal de americanos que acaba de chegar e olha com estupefacção a armadura seiscentista que decora o hall, comentando com um sorriso Pepsodent: Jüi! This must be very old.
2. Interrompo a conversa e desligo porque o Paulo acabou de entrar no gabinete com pézinhos de lã.
3. Está esfuziante, como uma criança de quatro anos a quem acabaram de dar um comboio a pilhas com uma pista de dez metros.
4. Olha repetidamente para trás com expressão aflita, como quem acabou de atropelar um cão.
5. Ainda vamos ter que fazer algumas obras, mas vai ser uma delícia arranjar aquele bocado esquecido de próxima a mais de cinco quilómetros, onde a electricidade, a água e o telefone acabaram de chegar.
6. Já é tarde quando acabo de escrever o texto sobre o Luís Lopes de Sousa.
7. A Luísa tinha acabado de se separar do quarto (ou seria o quinto?) namorado com quem vivera alguns meses.
8. Tinha acabado de fazer dezoito anos e a Faculdade de Letras esperava-me quando conheci em casa da Mariana o Guilherme Souto que me pareceu uma cópia exemplar do Vincent Perez, o apaixonado de Roxanne, na versão mais hollywoodesca do Cyrano de Bérgerac que valeu a Gérard Depardieu uma nomeaçã para um Óscar.

9. O que acabo de fazer é tudo menos profissional e tento desviar a conversa.
- 10.- Olha lá, não ouviste absolutamente nada do que te acabei de dizer, pois não?
11. Acabou de separar de mim e vamos jantar daqui a um bocadinho, isto já começa a transformar-se numa overdose.
12. A Rickie Lee Jones já acabou de cantar e viro a cassete enquanto para ouvir o Sting me recosto na poltrona incómoda e com cheiro a detergente industrial e semicerro os olhos à procura de alguma paz interior.
- 13.- Sabes minha querida, não há definições para o que acabaste de dizer.
14. E vira-se de costas, a acabar de arrumar as coisas dele. Sinto as mãos a gelarem, as pernas trémulas e sem forças.
15. Numa noite de Verão em que me convidou para jantar, o Pedro cometeu o erro de passar por casa da Mariana onde se ia encontrar com um amigo do liceu que acabara de regressar de Paris onde estivera a tirar Relações Internacionais.

Quando se comparam *acabar de*, *parar de* e *deixar de*, pode-se dizer que o primeiro indica a culminação dum processo, o segundo indica a interrupção (possivelmente temporária) dele e o terceiro a cessação dum estado habitual (Oliveira, Cunha, Gonçalves, 2004:165). *Deixar + de + infinitivo* pode ocorrer com estados, acarretando uma mudança de estado, com características de estado cessativo, implicando uma leitura de evento pontual; *parar + de + infinitivo* (com características paralelas a *deixar + de + infinitivo*) marca uma paragem ou uma interrupção do evento cuja leitura final é a de um evento pontual; *acabar de + infinitivo*, marcando o fim com características diferentes dos anteriores, opera sobre processos e processos culminados cuja leitura final é a de culminação, quase sempre, e também a de processo culminado, em alguns casos (Barroso, 2007:56).

5. Conclusão

Nos estudos sobre o aspeto existe um caos terminológico, tal como a falta de um modelo único para determinar a estrutura e a função das conjugações perifrásticas. Este trabalho acentua a importância de fazer a distinção entre as categorias do aspecto e do tempo porque em algumas definições das conjugações perifrásticas a diferença entre conjugações perifrásticas aspectuais e outras construções semelhantes, como por exemplo as dos tempos compostos, não é feita. O tempo foi definido como uma ordem linear de unidades temporais atómicas – instantes, ou densas – intervalos, que se podem suceder ou sobrepor, enquanto o aspecto se centra na perspetivação interna da acção. Relativamente à tipologia aspectual, ela é neste trabalho dividida em estados, processos, processos culminados, culminações e pontos.

A seguir, analisaram-se definições das conjugações perifrásticas em várias fontes. As perífrases verbais, ou complexos verbais, consistem em sequências de dois ou mais verbos, unidos ou não por uma preposição, em que apenas um deles é um verbo principal ou copulativo e os restantes são verbos auxiliares. Isto é o método mais comum de expressar aspecto em Português. Na parte da análise foi escolhido um romance contemporâneo que nos serviu de corpus representativo de língua falada contemporânea. Utilizando os dados proporcionados pelo corpus – as ocorrências das perífrases verbais aspectuais – foi examinado o significado das formas perifrásticas lá encontradas, comparado com as definições existentes na bibliografia consultada.

Este tema é muito complexo e ainda não existe a descrição suficientemente detalhada das distinções entre perífrases verbais diferentes.

Bibliografia

1. Arruda, L. (2008) Gramática de Português Língua Não Materna, Porto editora, Porto
2. Barroso, H. (2007) Para uma Gramática do aspecto no verbo Português, Tese.
3. Costa, A. D. (1976) Periphrastic verbal expressions in Portuguese, University of Coimbra, Coimbra
4. Cunha, Cintra (2005) Nova Gramática do Português Contemporâneo, Edições João Sá da Costa, Lisboa
5. <http://www.priberam.com/DLPO/Default.aspx>
6. Lehmann, C. (2008) A Auxiliarização de Ficar. Linhas Gerais, Universidade de Erfurt, Alemanha
7. Mateus, Brito, Duarte, Faria (2003) Gramática da Língua Portuguesa, Caminho, Lisboa
8. Monteiro, Pessoa (2002) Guia Prático dos Verbos Portugueses, Lidel, Lisboa – Porto – Coimbra
9. Nunes, Oliveira, Sardinha (1997) Nova Gramática de Português, Didáctica Editora, Lisboa
10. Oliveira, Barbosa, Cunha, Ferreira, Matos (2001) "O lugar da Semântica nas Gramáticas Escolares: o caso do Tempo e do Aspecto" in Atas do Colóquio "A Linguística na Formação do Professor de Português" Porto: FLUP/CLUP, p.65-82.
11. Oliveira, Cunha, Gonçalves (2004) Aspectual Verbs in European and Brazilian Portuguese em Journal of Portuguese Linguistics, Vol. 3 (141.-175.)
12. Oliveira, F. (1995). "Aspecto, Referência Nominal e Papéis Temáticos. Revista da Faculdade de Letras "Línguas e Literaturas" XII. Porto, p. 55-73.

13. Pinto, M. R. (1999) Sei Lá, Oficina do Livro, Alfragide

14. Santos Ferreira, T. A. (2012) Apropriação do Português por adultos eslavófonos: o Tempo e o Aspeto. Tese. Aveiro: Universidade de Aveiro Departamento de Educação.

15. Troca Pereira, R. M. (2000) A perífrase verbal e o aspecto, Tese.